

REGINA MARIA VINK

# ADVÉRBIOS ASPECTUAIS

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração: Lingüística, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Elena Godoi

CURITIBA  
2000

22145-9



## PARECER

Defesa de dissertação da Mestranda REGINA MARIA VINK, para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados Elena Godoi, Elódia Constantino Román e José Borges Neto argüíram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

**“ADVERBIOS ASPECTUAIS.”**

Procedida a argüição segundo o protocolo aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	Conceito
Elena Godoi		B
Elódia Constantino Román		B
José Borges Neto		B

Curitiba, 03 de abril de 2000.



Prof. Remy Gregolin  
Coordenadora

“Quando estiver em dificuldades e pensar em desistir, OLHE PARA TRÁS e lembre-se dos obstáculos que já superou. Se tropeçar e cair, levante-se. Não fique prostrado, OLHE PARA A FRENTE e esqueça o realização pessoal, OLHE PARA DENTRO e sonde suas motivações. Antes que o egoísmo o domine, enquanto seu coração é sensível, OLHE PARA OS LADOS e socorra aos que o cercam. Na escalada rumo a altas posições , no afã de concretizar seus sonhos, OLHE PARA BAIXO e observe se não está pisando em alguém. Em todos os momentos da vida, seja qual for a sua atividade, OLHE PARA CIMA e busque a aprovação de Deus”.

Texto extraído do jornal AEC- maio 99.

“ Ser professor é um privilégio, nós não podemos nos esquecer nunca disto. Nossa formação nunca acaba, está sempre começando. Só quem perde a capacidade de se encantar diante do ser humano e da história da humanidade não reconhece isso. O que não se pode é perder a perplexidade perante a vida e o outro”.

JÚLIO AQUINO

Dedico este trabalho a meu marido  
*Luiz Eduardo* e a meus filhos *Antonio*  
*Carlos e João Guilherme*, que partilharam  
comigo todos os momentos de angústia  
e alegria.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me deu a vida.

À Profa. Dra. Elena Godoi, orientadora.

À UNICENTRO , que me liberou para a realização do Curso de Mestrado.

À CAPES pela concessão de bolsa de estudo dentro do regime PICDT.

A todos os professores e colegas do Pós-Graduação do Curso de Mestrado da UFPR , que de uma ou outra forma contribuíram para que este trabalho fosse realizado.

A toda minha família e de modo muito especial a meus cunhados e cunhadas pela compreensão, apoio, incentivo, carinho e paciência.

## **SUMÁRIO**

<b>RESUMO</b> .....	7
<b>ABSTRACT</b> .....	8
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11

### **CAPÍTULO I**

#### ***ADVÉRBIO E ASPECTO NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS***

1. Advérbios nas gramáticas tradicionais.....	14
1.1. Jerônimo Soares Barbosa (1803).....	14
1.2. Napoleão Mendes de Almeida ( 1911).....	15
1.3. Celso Cunha (1972).....	16
1.4. Bechara (1986).....	20
1.5. Bonfim (1988).....	22
1.6. Perini (1995).....	25
2. Aspecto nas gramáticas tradicionais	
2.1. Jerônimo Soares Barbosa (1803).....	29
2.2. Napoleão Mendes de Almeida (1911).....	30
2.3. Celso Cunha (1985).....	30
2.4. Bechara (1989).....	32

### **CAPÍTULO II**

#### ***ASPECTO NA LINGÜÍSTICA CONTEMPORÂNEA.***

2.1 Comrie (1976).....	34
2.2. Castilho (1968).....	35
2.3. Travaglia (1985).....	42
2.4. Mira Mateus et al(1984).....	57
2.5. Godoi (1992).....	70

2.6. Perini (1995).....	75
-------------------------	----

### **CAPÍTULO III**

#### ***TRATAMENTO E ANÁLISE DOS ADVÉRBIOS NA LINGÜÍSTICA CONTEMPORÂNEA.***

3.1. Matoso Camara ( 1974).....	77
3.2. Mira Mateus et al (1984).....	78
3.3. Travaglia (1985).....	78
3.4. Ilari (1985).....	81
3.5. Costa (1990).....	84

### **CAPÍTULO IV**

#### ***ANÁLISE DA PROPOSTA DOS ADVÉRBIOS ASPECTUAIS DE CARLOTA SMITH(1978).....***

### **CAPÍTULO V**

#### ***APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE SMITH AOS DADOS DO VARSUL***

5.1 Sentenças com um adverbial.....	116
-------------------------------------	-----

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS.....130**

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....133**

## **RESUMO**

Esta dissertação trata da questão da expressão temporal no Português e fundamenta-se na proposta de Carlota Smith (1978), em que são discutidas as características aspectuais dos advérbios de tempo. A relação existente entre aspecto, tempo e advérbio é que os adverbiais atuam na expressão do aspecto, estão sempre relacionados ao tempo e, percebe-se que os adverbiais de uma maneira geral indicam a conexão de tempo e precedência, de delimitação e também de inclusão com a estrutura seqüencial.

Nosso objetivo neste estudo é desenvolver o estudo sobre a semântica dos advérbios que contribuem para a interpretação temporal e aspectual, aplicar a proposta de Smith aos dados do Português e também analisar a função desses advérbios na semântica de tempo / aspecto na língua portuguesa.

O estudo é composto por cinco capítulos: Advérbios e Aspecto na gramática tradicional; Aspecto na lingüística contemporânea; Tratamento e análise dos advérbios na lingüística contemporânea; Análise da proposta dos advérbios aspectuais de Carlota Smith(1978) e Aplicação da proposta de Smith aos dados do VARSUL.

## ***ABSTRACT***

This dissertation deals with the matter of the temporal aspect in the Portuguese language and it's based upon the proposal formulated by Carlota Smith (1978), in which it's discussed the time adverbials aspectual features and the proposition that time and adverb can be regarded as a single class in the structure. The author emphasizes the interaction between adverbs and other elements in the temporal specification and explains the adverbial within the sintatic configuration in which it occurs.

The current relation among aspect, time and adverb is the one in which the adverbials contribute to the aspect utterance, are always related to time and, it can be noticed , that in general, they indicate the relation between time and precedence, of delimitation and also of inclusion with the sequential structure.

It's our aim in this work to develop the study about the adverbs semantics which contribute to the temporal and aspectual explanation, as well as to apply Smith's proposal to the Portuguese language data and also to analyse the function of these adverbs in its semantics.

As a result of the study performed we notice that the temporal specification domain surpasses the sentence domains, and that the context plays a crucial role in this explanation.

## INTRODUÇÃO

As classes gramaticais da língua portuguesa já foram e continuam sendo estudadas e abordadas sob os mais diferentes prismas. No entanto, algumas dessas classes receberam um tratamento privilegiado, enquanto outras categorias foram pouco estudadas e trabalhadas como por exemplo, os advérbios.

Primeiramente, atendo-nos às definições contidas nas gramáticas tradicionais, observamos grande confusão na elaboração de conceitos em que se misturam as noções sintáticas e semânticas e muitas vezes, os autores ignoram a existência da aspecto em Português.

Partindo deste fato, buscou-se confrontar definições de várias gramáticas tradicionais sobre os vários conceitos dados aos advérbios, mostrar como os gramáticos classificam a categoria, quais as principais questões quanto a esta classe e principalmente como se comportam os advérbios, quando ligados ao tempo gramatical das sentenças.

Começamos nosso trabalho pela descrição do estado de arte, onde mostramos várias colocações de gramáticos como Jerônimo Soares Barbosa (1803), de Mattoso Câmara (1974), de Celso Cunha (1985), Napoleão Mendes de Almeida (1987), Evanildo Bechara (1989), Mário Perini (1995) e outros. Destacam-se, neste primeiro capítulo, as colocações de Jerônimo Soares Barbosa (1803), em que o autor cita que o *"advérbio não é outra coisa mais do que uma redução"*, ou seja, Barbosa vê o advérbio como uma expressão abreviada de uma preposição e de um complemento. Os outros gramáticos afirmam que o advérbio é um modificador, um intensificador ou um qualificador. Perini (1995) propõe que, para afirmar que advérbio modifica determinadas

classes entre as quais o próprio advérbio, seria necessário rever o conceito de "modificação" e interpretou a categoria como um misto de semântica e sintaxe, pois a significação de um advérbio, para ele, depende de um complemento.

No Capítulo II, viu-se a necessidade de aprofundar o estudo sobre aspecto verbal, bem como a necessidade de se conhecer as diversas teorias e colocações para que se pudesse fazer uma análise ampla da sintaxe e, principalmente, interpretação semântica da expressão temporal do inglês proposta por Smith (1978), que serão trabalhados no Capítulo IV, para isso, trabalhamos com textos e gramáticas de autores contemporâneos, que falam sobre aspecto verbal, assunto pouco conhecido e pouco abordado pelos estudiosos da língua portuguesa e cuja conceituação varia muito, não é tratado como categoria verbal. O aspecto pode ser "*a maneira de ser da ação*", pode ser "a indicação da duração do processo" e ainda pode "envolver tempo" e outros conceitos que veremos no momento oportuno. Também veremos os advérbios aspectuais, classificados pelas gramáticas tradicionais como advérbios de tempo, que aliados aos tempos gramaticais dos verbos nos darão a idéia da significação total da sentença.

Começamos com o texto de Ataliba Castilho (1968), em que o autor aborda o aspecto na língua portuguesa, ele foi o pioneiro a abordar o assunto que serviu de base para outros estudiosos. Depois, veremos o texto de Travaglia (1985), que baseado nos estudos de Castilho, apresentou um quadro de noções aspectuais; Mira Mateus et al (1983) apresentam os diversos processos de que o português dispõe para a expressão da categoria aspecto como veremos no Capítulo II. Ilari (1985) faz um estudo sobre os advérbios aspectuais partindo de dados coletados pelo projeto NURC, em que utiliza o português falado no Brasil. Finalmente, trabalharemos com o texto de Godoi (1992) que propõe a definição

de duas categorias aspectuais: a perfectividade e a imperfectividade - em termos da relação entre o tempo de referência e o tempo de evento.

No Capítulo III, trabalhar-se-á com as diversas colocações sobre advérbios dentro da lingüística contemporânea. Mira Mateus et al têm a mesma posição dos gramáticos tradicionais. Travaglia afirma que os adverbiais de tempo têm bastante a ver com o aspecto, ou melhor, eles indicam o aspecto. Ilari propõe que "*o aspecto é propriedade da sentença e não da enunciação*" (p.154); Ilari ainda situa a classe dos advérbios como imprecisa e faz uma análise dos diversos adjuntos adverbiais do ponto de vista lingüístico.

No Capítulo IV, faremos um estudo da proposta de Carlota Smith (1978), contida em seu artigo "Temporal Expressions in English", que servirá de base teórica para a aplicação do modelo teórico proposto pela autora, modificado para acomodar os dados do português, usando entrevistas do VARSUL. Optou-se por este artigo de 1978, mesmo existindo uma obra mais recente da própria Smith escrita em 1995, mas que não acrescenta nada ao artigo de 1978, por isso, a preferência pelo trabalho original, embora mais antigo .

No Capítulo V, faremos os mesmos testes que fez Smith para o inglês, adaptados aos dados do VARSUL, assim como aplicaremos o modelo teórico proposto pela autora.

## CAPÍTULO I

### ADVÉRBIO E ASPECTO NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

#### 1. ADVÉRBIO NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

O advérbio é visto na gramática tradicional do português como uma categoria modificadora do verbo, do adjetivo e do advérbio.

Partindo do conceito da gramática tradicional que diz que o advérbio “modifica” determinadas classes ( entre as quais o próprio advérbio) , apresentaremos neste primeiro capítulo, o “estado da arte”, em que serão discutidos conceitos referentes aos advérbios inclusos em diversas gramáticas tradicionais da língua portuguesa, que mostram que a classe de palavras é invariável, modifica o verbo, um adjetivo, outro advérbio ou todo o enunciado que expressa circunstâncias, assim como apresentaremos os conceitos sobre aspecto.

##### 1.1. Jerônimo Soares Barbosa (1803)

Para Jerônimo Soares Barbosa (1803),

*o advérbio não é outra coisa mais do que uma redução, ou expressão abreviada da preposição com seu complemento em uma só palavra indeclinável, ou invariável. Chama-se advérbio, porque, bem como a preposição com seu complemento se ajunta a qualquer palavra de significação ou vaga ou relativa, para a modificar, restringindo-a ou completando-a, o mesmo faz o advérbio com mais concisão e brevidade . (p.234)*

Poderíamos dizer que se junta a uma preposição um complemento, seja substantivo, adjetivo ou uma palavra modificada, restringindo ou

complementando seu significado. Para exemplificar o que acabamos de dizer, temos:

(1) *Viver com cautela ( preposição com substantivo).*

(2) *Viver cautelosamente ( advérbio ) .*

Barbosa diferencia advérbios e nomes adverbiados, em que o advérbio pode ser visto como uma redução de uma palavra com seu complemento numa só palavra. O autor cita o exemplo do advérbio "aqui" que compreende a preposição "em" e o seu complemento "este lugar" como se disséssemos "neste lugar" que é uma palavra invariável. Os nomes adverbiados são considerados também como reduções, mas podem variar, como por exemplo, a palavra "certo", que pode variar em terminações genéricas como certa, certas, certos, porém sua terminação masculina e neutra, no singular, é adverbiada, e claro, como propõe Smith (1978) no seu artigo *Interpretation Temporal Expressions in English*, o significado dessas palavras adverbiadas vai depender do contexto. Nota-se que é uma definição especial para os advérbios, porque se diferencia de tudo o que aparece nas gramáticas tradicionais.

## 1.2. Napoleão Mendes de Almeida ( 1911)

Napoleão Mendes de Almeida (1911) afirma na sua Gramática Metódica da Língua Portuguesa que "*advérbio é toda palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio e cita três aspectos em que se pode considerar o advérbio que são: quanto à circunstância, quanto à função e quanto à forma*".(p.316)

Quanto à circunstância é necessário que se observe a idéia que o advérbio encerra, ou seja, se um advérbio indica lugar ( aqui, ali), outro indica tempo

( hoje, amanhã), outro indica intensidade ( pouco, muito) outros encerram diversas outras circunstâncias.

Quanto à função, é a mesma citada por outros autores em gramáticas tradicionais que diz "o *advérbio é uma palavra que modifica o verbo*".(p.318)

Quanto à forma, os advérbios dividem-se em advérbios propriamente ditos, que se apresentam numa só palavra e, as locuções adverbiais, que são advérbios expressos por frases compostas de duas ou mais palavras.

Segundo Napoleão Mendes de Almeida (1911), há algumas palavras que não podem ser enquadradas na conceituação e classificação do advérbio, nem em nenhuma outra classe, terão de ser classificadas como palavras que denotam exclusão ( *só, somente, unicamente*),inclusão ( *outrossim*), situação ( *quase, casualmente*), designação ( *eis*), retificação ( *aliás*), realce ( *nada*).

### 1.3. Celso Cunha (1972)

Celso Cunha (1972) define advérbio como " *palavras que se juntam a verbos para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal , e a adjetivos para intensificar uma qualidade*". ( p. 499)

Observa-se, porém, que os advérbios de afirmação, de negação e os advérbios de dúvida não se conciliam com esta proposta, não expressam circunstância, não são intensificadores e não dizem respeito ao processo verbal. Vê-se que essas palavras, exceto *sim* e *não*, bem como as locuções adverbiais do mesmo tipo, revelam ou expressam uma opinião do locutor, ou sua dúvida sobre o enunciado ou parte dele. Observemos os exemplos :

( 3 ) *Realmente choveu muito.*

Neste exemplo, há uma afirmação, porém não há denotação de circunstância, de uma particularidade que acompanha um fato.

(4) *De fato ele se enganou.*

*De fato*, expressa a opinião do locutor, que não diz respeito ao processo verbal, nem o advérbio pode ser considerado um intensificador.

(5) *Provavelmente hoje choverá.*

Neste exemplo também aparece a opinião do emissor e não se relaciona com o processo verbal, devido ao fato que o verbo chover é impessoal.

Celso Cunha ( 1987) diz ainda que "*sob a denominação de advérbios reúnem-se, tradicionalmente, palavras de natureza nominal e pronominal de emprego muito diverso*". (p.499)

Devido a esta colocação sobre advérbio, notou-se, como veremos adiante, os lingüistas estão reexaminando o conceito de advérbio, seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico. Para Celso Cunha, os advérbios recebem a denominação da circunstância ou de outra idéia acessória que expressam ( idéia de tempo, de lugar, de intensidade, de modo, etc.)

Veja-se ainda que, segundo Celso Cunha ( 1987) :

a) os advérbios chamados de intensidade podem reforçar o sentido de outro advérbio:

(6) *A vida não lhes corra nem muito bem nem muito mal.*( A. F. Schimdt G B, 285) ( p.499)

b) certos advérbios aparecem modificando toda a oração:

(7) *Os cachorros latiam desesperadamente.*(J.L.do Rego,FM 288) (p.502)

Celso Cunha se apropria dos conceitos estabelecidos já pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, que distingue as seguintes espécies de advérbios:

a) advérbios de afirmação: (*sim, certamente, deveras, realmente, efetivamente, etc*);

b) advérbios de intensidade: (*muito, pouco, assaz, bastante, mais, menos, tão, meio, todo, demais, nada, quase, bem, mal, etc*);

c) advérbios de lugar: (*abaixo, acima, acolá, cá, lá, aqui, lá, aí além, aquém, atrás, dentro, fora, perto, longe, através, etc*);

d) advérbios de modo: (*bem, mal, assim, depressa, devagar, alerta, melhor, aliás, calmamente, livremente, e quase todos os advérbios terminados em mente*);

e) advérbios de negação: (*não, tampouco = também não*);

f) advérbios de tempo: (*agora, hoje, amanhã, depois, ontem, sempre, nunca, jamais, ainda, logo, antes, cedo, tarde, ora, afinal, outrora, breve, brevemente, imediatamente, finalmente, diariamente, etc*);

Ainda são incluídos na classe dos advérbios, os interrogativos que indicam circunstâncias da causa, de lugar, de modo e de tempo nas interrogações diretas e indiretas:

a) de causa: por quê?

(8) *Por que você veio tão triste?*

b) De lugar: onde?

(9) *Onde você pôs os livros?*

c) de modo: como?

(10) *Como está o projeto das obras?*

d) de tempo :quando?

(11) *Quando virás?*

Celso Cunha denomina *locução adverbial* como o "conjunto de duas ou mais palavras que tem valor de advérbio e de regra, as locuções adverbiais se

*formam da associação de uma preposição com um substantivo, com um adjetivo ou com um advérbio". (p.501)*

(12) *Meu pai batia-lhe no ombro em silêncio. ( J. Amado)*

(13) *Não, não vou por aí! (J. Régio)*

Assim como a NGB divide os advérbios em várias espécies, Celso Cunha também classifica as locuções adverbiais da seguinte forma (p.501):

- a) de afirmação ou dúvida: *com certeza, por certo, sem dúvida, etc.*
- b) de intensidade: *de muito, de pouco, de todo, etc.*
- c) de lugar: *à direita, à esquerda, à distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, para dentro, por perto, por onde, por ali, por aqui, por fora, em cima, de perto, etc.*
- d) de modo: *à toa, à vontade, ao contrário, ao léu, às claras, em geral, em silêncio, frente a frente.*
- e) De negação: *de forma alguma, de modo algum, etc.*
- f) De tempo: *à noite, à tardinha, de dia, de vez em quando, etc.*

Celso Cunha cita os graus dos advérbios em que alguns deles classificados como de modo, de tempo, lugar e intensidade são, à semelhança dos adjetivos, suscetíveis de grau, conforme apresenta-se abaixo.

O grau comparativo pode ser dividido em: comparativo de igualdade( *tão longe, tão rapidamente*), comparativo de superioridade que se divide em analítico e sintético, comparativo de inferioridade ( *menos longe, menos rapidamente*), já o grau superlativo absoluto pode ser analítico ou sintético. Como analítico cita-se ( *muito longe, muito rapidamente*) e como sintético cita-se ( *longíssimo, rapidíssimo*).

Na linguagem familiar, certos advérbios assumem forma diminutiva, mas com idéia de intensidade, a modo de superlativos; *agorinha, cedinho, pertinho, juntinho, devagarinho*.

#### 1.4. Evanildo Bechara (1986)

Bechara (1986), ao escrever a *Moderna Gramática Portuguesa*, assim como Celso Cunha também acha que "*os advérbios denotam circunstâncias ( de lugar, de tempo, de intensidade, de condição, etc) "*. (p.152)

(14) *Aqui tudo vai bem.* ( *Aqui -lugar e bem- modo*).

(15) *Hoje não irei lá.* ( *Hoje -tempo, não- negação e lá- lugar*)

Para Bechara, o advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo ou a um adjetivo, a um advérbio ou a uma declaração inteira:

(16) José escreve *bem*. ( Advérbio em referência ao verbo escreve)

(17) José é *muito* bom escritor. (Advérbio em referência ao adjetivo bom)

(18) José escreve *muito bem*. ( Advérbio em referência ao advérbio bem).

(19) *Felizmente* José chegou. (Advérbio em referência a toda declaração)

O advérbio estabelece a transição de vocábulos variáveis para invariáveis; a rigor não tem flexão, porém há advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes.

Como *circunstâncias adverbiais* expressas por advérbios ou locuções adverbiais, Bechara cita nas páginas 152-153 :

1) Assunto: *Conversar sobre música*.

2) Causa: *Morrer de fome*.

3) Companhia: *Sair com os amigos*.

- 4) Concessão : *Voltaram apesar do escuro.*
- 5) Condição: *Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.*
- 6) Conformidade: *Fez a casa conforme a planta.*
- 7) Dúvida: *Talvez* melhore o tempo.
- 8) Fim: Preparou-se *para o baile.*
- 9) Instrumento: *Escrever com o lápis.*
- 10) Intensidade: *Andou mais depressa.*
- 11) Lugar: *Estuda aqui.*
- 12) Modo: *Falou muito devagar* com o policial.
- 13) Referência: O que nos sobra *em glória* de ousados e venturosos navegantes, *mingua-nos em fama* de enérgicos e previdentes colonizadores.

(Latino Coelho)

- 14) Tempo: *Visitaram-nos hoje.*
- 15) Afirmação: *Sim, eles virão.*
- 16) Negação: *Não* conseguirá ler sem os óculos.

Como observação, Bechara cita que a NGB põe ainda os denotadores de p.153 :

- 1) Inclusão: *Até o professor riu.*
- 2) Exclusão: *Só Deus é imortal.*
- 3) Situação: *Mas que felicidade.*
- 4) Retificação: *Comprei cinco livros, aliás seis.*
- 5) Designação: *Eis o homem.*
- 6) Realce: *Não é que somos brasileiros.*
- 7) Expletivo: *Vejam só que coisa horrível!*
- 8) Explicação: *Eram três irmãos a saber: Pedro, Gilberto e Antonio.*

### 1.5. Bomfim (1988)

Observou-se que alguns gramáticos tratam de forma especial os advérbios de tempo e de lugar, que, embora possam parecer à primeira vista os menos problemáticos, merecem comentários especiais. Não é pacífico considerar que os advérbios de tempo e lugar estão relacionados ao verbo, há um comportamento diferenciado dos elementos integrantes dos grupos. Essa diferença prende-se a fatores de ordem pragmática que lida com os aspectos do contexto. Costuma-se dizer que os advérbios de tempo respondem à pergunta *quando?*

De acordo com Bomfim (1988), é necessário constituir subgrupos com base numa afinidade semântica entre os componentes. Segundo os exemplos que a autora cita, observamos que o advérbio se liga ao processo verbal. Vejamos os exemplos (p.27):

(20) *João dorme cedo/tarde.*

(21) *João falou cedo/tarde.*

(22) *João começou a trabalhar cedo/tarde.*

Com estes exemplos, a autora propõe que não se pode afirmar que o advérbio indica posição no tempo em relação ao momento em que se fala, a não ser que esse seja entendido como um ponto neutro convencional, impreciso, subjetivo, com relação ao qual houvesse uma anterioridade (*cedo*) ou posterioridade (*tarde*). No entanto, do ponto de vista lingüístico *cedo/ tarde* podem coocorrer com outros indicadores de tempo (p. 28).

(23) *Chegou hoje cedo.*

(24) *Virá amanhã cedo.*

*Cedo/ tarde* podem ser intensificados, mesmo que ocorram com outros indicadores de tempo (p. 29):

(25) *O padeiro costuma passar bem cedo.*

(26) *O carteiro passou bem cedo hoje.*

Se observamos outro advérbio de tempo *hoje*, notaremos que este indica uma coincidência entre o tempo do enunciado e o momento de sua emissão, pois toma como ponto de referência uma extensão definida, ou seja, o dia em curso.

*Hoje*, indica o espaço de 24 horas onde está inserido o momento da enunciação.

*Ontem* e *amanhã* indicam, respectivamente, o dia anterior ao de hoje e o dia depois de hoje, ligados ao passado ou ao futuro. A posição dos advérbios não interfere na interpretação na sentença. Vejamos os exemplos de Bomfin (1988) (p.30):

(27) *João chegou da Europa hoje.*

(28) *Hoje João chegou da Europa.*

Percebe-se que *ontem/hoje/amanhã* e similares se diferenciam do subgrupo anterior *cedo/tarde* por: não serem passíveis de intensificação; terem um ponto de referência no contexto lingüístico do mesmo modo que os pronomes. É necessário refletir sobre a pertinência da inclusão desses elementos na classe dos advérbios. Observa-se que partilham com os advérbios a noção de tempo e respondem àquela pergunta (quando ?) mas, por outro lado, partilham com os pronomes a dêixis, a referência e a possibilidade de exercer a função de sujeito.

Os advérbios *antes/depois* são passíveis de intensificação, coocorrem com outros indicadores de tempo, podem juntar-se a uma preposição para formar uma locução prepositiva e respondem à pergunta: Quando? Exemplos de Bomfin (1988) (p.32)

(29) *Venha depois do jantar.*

(30) *Chegou antes de mim.*

Outro grupo de advérbios de tempo observado foi: *nunca/sempre/ às vezes*, que, embora respondendo à pergunta *quando?*, indicam freqüência, hábito, repetição e estão mais ligados à categoria de aspecto. Vejamos os exemplos de Bomfim (1988) (p.34)

(31) *Eu durmo sempre bem.*

(32) *Eu durmo bem sempre.*

(33) *Eu durmo sempre cedo.*

(34) *Eu durmo cedo sempre.*

Observa-se que em (31) e (33) a freqüência pode incidir no modificador do verbo e em (32) e (34) modifica toda a oração.

*Nunca* indica freqüência reduzida a zero, segundo Bomfim (1988) e por isso, pode confundir-se com o tempo, ou seja, corresponde a tempo nenhum e pode ser comprovado pela oposição *nunca* e *sempre*, onde *nunca* aparece como freqüência negativa e *sempre* aparece como freqüência positiva.

Para concluir as colocações sobre os advérbios de tempo, Bomfim cita o advérbio *agora* que, para ela, está inserido no espaço de 24 horas no momento da enunciação, convencionalmente designado por *hoje*, *ontem* (*anterior*), *amanhã* (*posterior*).

Porém, entendemos que os significados dos advérbios *agora* e *hoje* não se restringem ao espaço de 24 horas, podem significar um período de tempo bem maior. Observemos os exemplos abaixo:

(35) *Agora* as lojas estão liquidando toda a mercadoria.

(36) *Hoje* as pessoas não se respeitam mais.

Tanto no exemplo (35) como em (36), observamos claramente que os advérbios *agora* e *hoje* não delimitam um espaço de 24 horas, representam um intervalo bem maior, um período de tempo.

#### 1.6. Perini (1995)

Perini (1995) em sua "*Gramática descritiva do português*" define o uso do advérbio como um misto entre sintaxe e semântica, por entender que "*modificação*" é uma noção muito obscura. Quando usa o termo "*obscura*" , Perini está se referindo a todas as definições e conceitos existentes em gramáticas de autores consagrados e que precisam ser revistos, ou melhor, cada palavra enquadrada como advérbio precisa ser analisada separadamente, observando suas funções sintáticas e semânticas na oração e nunca em conjunto ou espécies como cita a gramática tradicional.

As gramáticas são repetitivas, na opinião de Perini, e ele propõe que "*o estudo da gramática de uma língua não pode dispensar o estudo da teoria e da metodologia lingüística*". (p.35)

Quanto à classe dos advérbios, Perini ( 1995), questiona a palavra "*modifica*" que, segundo ele, inviabiliza a definição, pois sintaticamente a noção de modificação parece referir-se à ocorrência dentro do constituinte. O autor trabalha com um número reduzido de palavras que são tradicionalmente chamadas de advérbios. Utiliza *não, rapidamente, completamente, muito e francamente*, classificadas respectivamente como advérbios de negação, de modo, de intensidade, de modo, de intensidade, de modo, classificação esta interessante dentro da semântica , mas que dentro de um estudo sintático

esta classificação não seria suficiente, visto que pode ocorrer uma modificação quando observado dentro do contexto.

Perini coloca os advérbios citados em diversas funções sintáticas como veremos a seguir nos seus exemplos (339):

Negação verbal:

(37) Seu tio *não* apareceu na estação.

Intensificador:

(38) Almeida é *muito* magro.

(39) Almeida estava *completamente* bêbado.

Adjunto circunstancial:

(40) Ela ri *muito*.

Atributo:

(41) Terminamos a pintura *rapidamente*.

(42) Ela me revelou tudo *francamente*.

Adjunto adverbial:

(43) Ela decorou o apartamento *completamente*.

Adjunto oracional:

(44) *Francamente*, acho que ele nos enganou.

Através desses exemplos, observa-se que essas palavras podem ocupar pelo menos seis funções e algumas delas podem ocupar mais de uma função. Partindo desta colocação, notamos que a classificação em advérbio "de modo", "de intensidade", não corresponde à classificação sintática encontrada e nota-se que será difícil estabelecer uma classe que englobe a totalidade ou quem sabe a maioria das palavras denominadas "advérbios". Perini afirma "*que neste ponto a gramática tradicional é claramente inadequada*". (p.340)

Do ponto de vista semântico, a noção de modificação significa que um advérbio teria seu significado preso ao de um outro elemento, formando um todo integrado semanticamente. Perini cita um exemplo: Quando dizemos *corremos*, está se falando em ação; se dissermos *corremos depressa* exprime a mesma ação, só que acrescida de algum ingrediente de significado de modo. ( p.340)

Do ponto de vista sintático, Perini afirma que " a noção de modificação, parece referir-se à ocorrência conjunta dentro de um constituinte: o que se chama em sintaxe estar em construção com".(p.340)

Assim usando o mesmo exemplo *corremos depressa*, Perini diz que há formação de um constituinte ( *corremos* está em construção com *depressa*). Nós entendemos que não basta este argumento, pois se o advérbio fosse definido como um elemento que está na construção com o verbo, qualquer complemento que acompanhasse o verbo deveria ser adverbial. Se tivéssemos um exemplo como:

(45) *Comi uma peixada*. (p.340)

Não poderíamos aceitar a colocação acima, visto que "uma peixada" no exemplo citado, está na construção com o verbo e, no entanto, não é adverbial, e sim um complemento verbal, um objeto.

Perini (1995) ainda critica em sua gramática os autores não- tradicionais que colocam a classe dos advérbios como elemento modificador do verbo, talvez por não vislumbrarem outra alternativa.

Observamos também que se nos prendermos à concepção informal de advérbio como membro de uma lista de palavras, logo perceberemos que estas listas não dizem muita coisa, a não ser a incoerência de alguns professores de Português que insistem a todo custo que seus alunos as decorem.

Perini conclui dizendo que, para ele não há uma definição adequada à classe dos advérbios, e que, tal definição, deveria ser formulada em termos de funções que estes desempenham quando estão em construção com o verbo. No entanto, o autor insiste na idéia de que sob o rótulo de advérbio se esconde uma variedade irreduzível de classes.

Hoje, em algumas gramáticas encontramos conceitos e observações sobre a estrutura e classificação dos advérbios que parecem ser uma retomada do que Jerônimo Soares Barbosa (1803) em sua *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa* em que, como vimos, propõe que advérbio seria uma redução ou uma expressão abreviada de uma preposição com seu complemento em uma só palavra e invariável; pensa-se que uma só palavra seria entender o conjunto entre preposições mais substantivos, ou então, um grupo de palavras que dão idéia de modificar, restringir ou completar o sentido de um verbo, de um adjetivo ou de outro advérbio.

Percebe-se que dentro do estudo feito pelas gramáticas tradicionais sobre os advérbios, há grande confusão de conceitos dentro da morfologia, da sintaxe, da semântica . Quanto às listas elaboradas pelos gramáticos, há muito o que questionar, pois muitos dos advérbios que encontramos nas orações não fazem parte de lista alguma.

(46) *Estou em Curitiba.*

*Em Curitiba* é sem dúvida um advérbio de lugar e não consta em lista nenhuma.

Ao observar algumas gramáticas tradicionais como a de Rocha Lima (1946), de Silveira Bueno ( 1960), de Macambira (1970), verificou-se que elas não diferem em nada, ou melhor, não acrescentam nada a mais do que as outras gramáticas normativas existentes no Brasil.

## 1. 2. ASPECTO NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

Até agora, analisamos alguns conceitos que as gramáticas tradicionais trazem sobre *os advérbios* que é o objeto do nosso trabalho, porém achamos conveniente observar o que as gramáticas tradicionais falam sobre aspecto, visto que nosso objetivo, como já dissemos é desenvolver o estudo sobre a semântica dos advérbios que contribuem para a interpretação temporal e aspectual, pois, ao ler sobre o assunto, notamos que alguns autores não fazem qualquer referência à categoria, ou então, quando se referem ao assunto o fazem de forma complexa, pouco esclarecedora, tornando o tema ASPECTO mais confuso ainda. Vejamos, então, a posição de alguns gramáticos:

### 2.1 Jerônimo Soares Barbosa (1803)

Ao tomar conhecimento da *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*, escrita em 1803, por Jerônimo Soares Barbosa, observou-se que já naquela época, o autor ponderou que deveria existir algo mais que o tempo gramatical, porém ele não utiliza o termo *aspecto*, mas mostrou-se preocupado em correlacionar três momentos distintos (p.150).

Ilari cita o autor<sup>1</sup> quando escreve "A expressão do tempo em Português" (1997 :p.13), em que Soares Barbosa observa, no final do século XVIII, (p.150) que não deveria ser algo tão simples a relação de temporal e mostrou-se preocupado com a necessidade de analisar cronologicamente três momentos distintos: o momento da fala, o momento em que a ação se realiza e um outro

---

1- Jerônimo Soares Barbosa (1803)*Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*.

momento tomado como ponto de referência suprido pelo texto que corresponderia a ME→ MR → MF, colocações que mais tarde seriam usadas por Reichenbach (1947) e adotadas por Smith (1978).

## 2.2 Napoleão Mendes de Almeida ( 1911)

Napoleão Mendes de Almeida (1911) não faz qualquer referência à categoria *aspecto* em sua gramática, tem como grande preocupação somente o tempo gramatical que é expresso e pode ser praticado em épocas diferentes e assim nasce a flexão temporal, que visa indicar a época, o tempo em que se realiza a ação verbal, pode-se até dizer que se não houver flexão não ter-se-á tempo ( tempo semântico).

## 2.3. Celso Cunha (1985)

Cunha ( 1985) define aspecto " *como uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo*".( p.370)

Postula que o falante pode considerar a ação como concluída ou não observada na sua duração, na sua repetição e que significa que são os verbos auxiliares que transmitem ao contexto muitas vezes os diversos sentidos que a sentença possa ter.

Celso Cunha admite assim, que os sentidos são determinados pelo verbo auxiliar, visto que estes verbos fazem parte de locuções verbais e que o verbo principal pode aparecer ou no gerúndio, ou no particípio, ou no infinitivo .

Vejamos os exemplos em que o autor mostra as oposições aspectuais (p.370):

(47) *Acabo de ler Os Lusíadas.* (pontual)

(48) *Continuo a ler Os Lusíadas.* (durativo)

(49) *Vou lendo Os Lusíadas.* (contínuo)

(50) *Voltei a ler Os Lusíadas.* (descontínuo)

(51) *Comecei a ler Os Lusíadas.* (incoativo)

(52) *Acabei de ler Os Lusíadas.* (conclusivo)

Quanto aos exemplos (48) e (49) em que Cunha cita como aspectos durativo e contínuo respectivamente, discordamos dessa classificação, visto que para nós não há diferença aspectual, pois tanto num exemplo, quanto em outro a ação é contínua e limitada é só questão de uso de nomes diferentes.

Em relação ao exemplo (47) e (52), o autor também usa termos diferentes, mas que a nosso ver representam a mesma coisa, exceto pelo verbo que no aspecto pontual apresenta-se no presente do indicativo e no conclusivo o verbo está no pretérito perfeito, dando o aspecto perfectivo.

Cunha faz ainda oposições aspectuais entre a forma simples e a perífrase durativa *leio/ estou lendo*, mas não especifica qual é o aspecto nesse caso e, ao se referir à categoria o faz num sentido bem geral, não como categoria verbal e também não se preocupa em sistematizá-la. Trata dos modos de ação como aspecto, porém não consegue deixar claro suas colocações, que ficam confusas, reconhece a categoria aspecto nos verbos do português e tenta incorporar à sua gramática, porém falta-lhe fundamentação teórica.

#### 2.4. Bechara (1989)

Bechara (1989) refere-se à categoria *aspecto*, quando trabalha com os verbos auxiliares, afirmando que o verbo auxiliar combinado com o infinitivo ou com o gerúndio determina os aspectos do momento da ação verbal. Baseados nesta colocação de Bechara, notamos que não podemos citar a ação verbal como aspecto e sim, como modos de ação verbal. Observa-se que o autor não tem posição definida quanto à categoria e que usou a definição de *Aktionsarten*, ao dizer que “são aspectos do momento da ação verbal”.

Ao compararmos as posições de Bechara e Celso Cunha, percebeu-se que o primeiro não faz uma definição de aspecto a não ser indiretamente ao dizer que são aspectos do momento de ação verbal o que nos leva mais para a categoria tempo do que para o que chamamos de aspecto, que, como postulado por Dowty (1979,1986) e posteriormente por Godoi (1992), concordamos que o aspecto é a relação estabelecida entre tempo de evento TE e tempo de referência TR. Celso Cunha se refere à categoria aspecto, mas não a trata como uma categoria verbal, não busca conceituar aspecto ou estabelecer um quadro aspectual.

O que se observa é a utilização do termo aspecto sem qualquer preocupação de sistematizar algo sobre o assunto.

Percebe-se que alguns autores como Mattoso Câmara, Celso Cunha, Bechara deram os primeiros passos em direção à categoria aspecto como uma categoria lingüística, ou seja, já observavam que havia muito mais elementos nos processos verbais e que poderiam mudar o rumo dos estudos gramaticais. Outros autores como Rocha Lima, Silveira Bueno, Napoleão Mendes de Almeida

não fazem nenhuma referência ao aspecto verbal em suas gramáticas, trabalham somente com voz, tempo e modo verbal.

Observamos que mesmo depois de vários estudos feitos sobre a categoria *Aspecto Verbal* por gramáticos e lingüistas, muitas dúvidas continuam, muitas teorias são levantadas e devido à complexidade do assunto, faz-se necessário estudos exaustivos e detalhados sobre a categoria para que se possa compreender as posições e colocações, que continuam contraditórias e confusas entre gramáticos, lingüistas e todos os estudiosos da língua portuguesa.

## CAPÍTULO II

### ASPECTO NA LINGÜÍSTICA CONTEMPORÂNEA

Neste capítulo, viu-se a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre a categoria *aspecto*, visto que, para realizar nosso trabalho, precisávamos deste embasamento teórico sem o qual não teríamos fundamentação para elaborar nossas argumentações sobre o uso dos advérbios aspectuais no Português, bem como para questionar seus empregos nos esquemas do Inglês elaborados por Smith (1978), mesmo após observar os estudos em que os advérbios aparecem com a mesma conceituação das gramáticas tradicionais, quanto ao aspecto, pode-se dizer que os estudos estão mais avançados.

#### 2.1 Comrie (1976)

Apesar da nossa preocupação com o aspecto em Português e, por isso, trabalhar somente com lingüistas brasileiros e portugueses, achamos que não poderíamos deixar de citar o trabalho de Comrie, por se tratar de um trabalho clássico, antológico dentro da lingüística contemporânea.

Comrie (1976) afirma que alguns advérbios servem especificamente para localizar uma situação ao momento presente, por exemplo, *hoje* (o dia incluindo o momento presente), *ontem* (o dia precedente ao dia incluindo o momento presente), *amanhã* (o dia seguinte seguindo o dia incluindo o momento presente) e Comrie considera estes tempos que na verdade são dêiticos como referência absoluta.

Entendemos que há alguns advérbios que localizam uma situação relacionada a algum ponto de referência dado pelo contexto, como por exemplo, *um dia antes* ou *no dia seguinte*. Percebe-se também que estas colocações dizem respeito à comunicação interpessoal ( momento de fala) e têm correspondentes na narrativa, ou seja, os advérbios de tempo podem, como veremos adiante, segundo PERINI (1995) ser interpretados num misto de sintaxe e semântica. Semanticamente, modificação significa que o advérbio teria seu significado ligado a outro elemento, formando um todo integrado.

## 2.2 Castilho (1968)

Em *Introdução ao Aspecto Verbal na Língua Portuguesa* (1968 ), Ataliba Castilho analisa os recursos lexicais (o semantema do verbo) e os morfossintáticos ( a flexão temporal, os sufixos), os adjuntos adverbiais, as perífrases, o complemento do verbo e também os tipos oracionais.

Quanto aos estudos sobre *Aspecto* em Português, Castilho pode ser considerado o pioneiro, porque suas conclusões serviram de base para que outros lingüistas pudessem se aprofundar no assunto. O autor faz um breve histórico em que, além das referências ao estudo de aspecto por estudiosos de vários países, anota algumas referências de autores de Língua Portuguesa como Simões Ventura( 1921), que publicou "Reflexões sobre o Aspecto Verbal" em Coimbra e Cláudio Brandão (1963) que publicou "Sintaxe Clássica Portuguesa" também em Coimbra, sendo o assunto relevante dos dois autores a categoria aspectual.

Castilho destaca também a contribuição de diferentes escolas lingüísticas ao estudo do aspecto, procura fazer distinção entre aspecto e modo de ação,

explica que o objetivo do seu trabalho é o estudo do quadro dos aspectos de que a língua dispõe para sua expressão.

Para o autor, o *aspecto* indica "a duração da ação ou o desenvolvimento do processo e do estado expressos pelo verbo, que significa dizer que o aspecto consiste na representação espacial do processo" (p.41), ou seja, é a categoria que se reporta aos graus de realização da ação. Castilho considera ainda os adjuntos adverbiais como *provocadores* da noção aspectual. A representação espacial seria a utilização da categoria que permite a visualização do processo ou do estado como uma fração de tempo que dura, que ocupa uma parte na linha do tempo. Esses adjuntos são sempre temporais e, na verdade, estão envolvidos com os modos de ação, com o aspecto e a propriedade de telicidade e atelicidade.

Ao usar a expressão *telicidade*, o autor se reporta aos verbos télicos, que são aqueles verbos em que a ação tende a um final ( *morrer, cair, engolir, nascer, explodir, etc.*), se usássemos o exemplo :

(53) *João caiu*, teremos um verbo télico, porém não é uma ação que tende a um final e sim um processo que terminou. Por outro lado, a noção de atelicidade designa a ação que não tende a um final , representando o processo em sua duração, da qual não se exige complemento para admitir sua existência ( *cantar, ler, chover, mastigar, viver, escrever, etc.*).

Como exemplo, teríamos:

(54) *João está escrevendo* .

No exemplo (54) observa-se que João começou a escrever não se sabe há quanto tempo ele está escrevendo e nem o quanto falta para que ele acabe de escrever.

Os verbos *télicos* atualizam o *aspecto perfectivo* e os verbos *atélicos* atualizam o *aspecto imperfectivo*, porém existe a possibilidade de mudança de classe através da flexão, dos adverbiais e dos complementos.

Partindo dessas noções, Castilho apresenta quatro valores aspectuais básicos; a *duração*, o *complemento*, a *repetição* e a *neutralidade*, que levam o autor a estabelecer quatro aspectos em português: o *imperfectivo*, o *perfectivo*, o *iterativo* e o *indeterminado*.

VALOR	ASPECTO
Duração	Imperfectivo
Completamento	Perfectivo
Repetição	Iterativo
Neutralidade	Indeterminado

O aspecto imperfectivo tem três subtipos de acordo com o matiz da duração presente. São os seguintes:

a) **aspecto imperfectivo inceptivo** que marca a "duração de que se conhecem claramente os primeiros momentos, presentindo-se o seguimento do processo". Este aspecto apresenta duas subdivisões:

o **aspecto inceptivo** (começo da ação puro e simples).

(55) *Começa aí, nesses primeiros meses invernosos de 22, a sua época de rapariga solteira.* (p.62)

Com este exemplo, percebe-se que a oração começa, reforçada pelo advérbio *aí*.

**aspecto inceptivo incoativo** que marca o começo da ação e conseqüente mudança de estado:

(56) *Mas um dia (... ) a casa do velho amanheceu em polvorosa.* (p.68)

Neste exemplo, intui-se que a conjunção adversativa faz com que se perceba uma alteração do estado anterior.

b) **aspecto imperfectivo cursivo** que marca a “duração de que não se reconhece o princípio nem o fim, apresentando o processo em seu pleno desenvolvimento”. Este aspecto tem duas variantes: o **aspecto cursivo** e o **cursivo progressivo** que insiste num desenvolvimento gradual do processo e indica a duração da qual se desconhece os limites.

( 57) *A amizade entre os dois políticos estreitava-se, e disto alguns tiraram o melhor proveito.* (p. 76)

c) **aspecto imperfectivo terminativo** indica o término da ação após ter tido um período de duração.

(58) *Terminada a festa, retiraram-se os candidatos.* (p.79)

O **aspecto perfectivo** implica na indicação precisa do começo e do fim do processo, separados por um lapso de tempo extremamente curto e não significativo. Castilho dividiu o perfectivo em três tipos:

a) **perfectivo pontual** que seria o perfectivo por excelência representado graficamente por um ponto; indica um processo que é acabado tão logo começado.

( 59) *Fecho os olhos para não ver.*(p.81)

Para Castilho (1967) o presente do verbo fechar – fecho- recebe o nome de presente momentâneo.

b) **perfectivo resultativo** que indica o resultado conseqüente ao acabamento da ação;

(60) *Vim para me despedir.* (p.88)

c) **perfectivo cessativo** onde se depreende da ação expressa pelo verbo uma noção de negação que se reporta ao presente;

(61) *O povo acreditou na revolução pelos propósitos que alegadamente a animaram e que, sem dúvida, são aqueles a que nos referimos.*(p.90)

O **aspecto iterativo** que surge da noção aspectual repetida é considerada como um verdadeiro coletivo de ações que podem ser durativas ou pontuais. Muitas vezes, o iterativo se equipara ao freqüentativo. Para Castilho, este aspecto é intermediário entre o perfectivo e o imperfectivo, e o hábito surge quando a repetição se faz inconsciente.

Aspecto iterativo imperfectivo:

(62) *Eu sei que falam de mim.*(p.93)

Aspecto iterativo perfectivo:

(63) *A todos que me procuravam para informar-se sobre o que estava acontecendo, respondia que nada sabia.*(p.96)

O aspecto **indeterminado** se caracteriza por não ser nem imperfectivo nem perfectivo e é avesso não só à expressão de aspecto, mas também à expressão de tempo, ou seja, expressão não marcada para o aspecto.

( 64) *A Terra gira em torno do Sol.* (p.103)

O iterativo pode ser tanto perfectivo como imperfectivo. Os verbos que apresentam aspecto indeterminado são categorizados por Castilho como nem perfectivo, nem imperfectivo, sendo avessos não só à expressão aspecto, mas também à de tempo, neste tipo de aspecto são expressas frases que designam verdades gerais, também chamadas gnômicas que se encontram, por exemplo, em provérbios e aforismos.

Para Castilho (1968) “a categoria tempo situa o processo num dado momento e a partir de três pontos de referência: o próprio falante, o momento em que se desenvolve outro processo e o momento em que se situa o falante, deslocando-se, em pensamento, para o passado ou para o futuro” (p.15), quando há desvio do ponto de referência, há uma oscilação no sistema e podemos subdividir o tempo em: tempos absolutos ( presente, passado e futuro); tempos relativos ( imperfeito, mais que perfeito, futuro do subjuntivo e futuro do presente) e ainda os tempos históricos (em que o sujeito se inclui na história, ou então, assume a verdade de suas palavras.

(65) *Napoleão desembainha sua espada.* (p.16)

(66) *Esta foi a decisão que mudará a história do mundo.* (p.16)

Castilho ainda propõe que as categorias tempo e aspecto não são exclusivas e, às vezes, coexistem na mesma forma, assim “*pedia*” pode tanto indicar tempo passado, quanto aspecto durativo.

(67) *O mendigo pedia esmola todos os dias.* ( durativo + passado)

O autor atenta para o fato que o aspecto é uma categoria verbal, mas admite que outros elementos interajam na sua expressão, entre esses elementos estão os adjuntos adverbiais, que, para Castilho, indicam que o aspecto é mais uma propriedade das sentenças ( enunciados) do que do verbo. Outro fator que exerce grande influência sobre o aspecto é o contexto.

Castilho considera que a flexão verbal é indeterminada, porque não explicita seu papel na expressão das categorias tempo, aspecto e modo (modo indica a atividade do sujeito em relação ao processo verbal, que pode ser encarado como algo real (indicativo), eventual (subjuntivo) ou necessário (imperativo) e entende que uma forma temporal também pode assumir valores não temporais, caso dos tempos de função modal.

(68) *Se eu peço, ela me atende.* (presente)

(69) *Caiu.* (pretérito)

(70) *Só lhe faço um pedido: Venha logo.* (presente pelo futuro)

A noção aspectual "parece" concentrar-se na flexão. Assim, o autor adota a classificação tradicional dos tempos verbais como veremos adiante. Travaglia, em *Aspecto Verbal do Português* (1985), no entanto, pondera que a flexão temporal indica aspecto, vinculando tempos flexionais a ele.

Quando se refere à expressão do aspecto pela flexão verbal, Castilho considera apenas os casos em que a noção aspectual não decorre da natureza semântica do verbo, dos adjuntos adverbiais e do tipo oracional, mas parece concentrar-se na flexão. Para o autor, os tempos do passado são os que mais alteram a inclinação aspectual do verbo; o imperfeito e o perfeito se conjugados com um verbo télico o tornam iterativo: entretanto, se conjugados com um verbo atélico confirmam-lhe a tendência aspectual. Para Castilho, o contexto exerce grande influência sobre tudo e também sobre o aspecto.

(71) *O que eu senti.* (p.61)

Entende-se com o exemplo acima que a duração começa no passado, (tenho sentido) lançando-se no presente.

(72) *A velha Josefina chorou de alegria.* (p.61)

O autor, em seus estudos, destaca a fonte da noção aspectual, sem vincular aspectos a tempos.

O estudo feito por Castilho destaca-se por ser talvez um dos mais detalhados realizado no Brasil. É sem dúvida, uma leitura indispensável a todos que necessitam conhecer o assunto com mais profundidade .

### 2.3 Travaglia (1985)

Travaglia (1985) faz um estudo detalhado sobre o aspecto verbal no português contemporâneo no Brasil da perspectiva da competência lingüística , com o objetivo de estabelecer o conjunto de possibilidades existentes no código lingüístico do português baseado em inúmeros exemplos e, muitas vezes, apoiado em suas admiráveis intuições. Travaglia propõe "*o estudo que faz se coloca basicamente dentro da Semântica, utilizando elementos da Sintaxe, da Morfologia e até da Fonologia*". (p.22)

Procurou determinar os meios de expressão do aspecto, estudou como este se manifesta, visto que o aspecto sofre influência dos diversos elementos da frase; observou os tipos de situações indicadas pelos verbos que afetam a atualização da categoria de aspecto e como o fazem; observou a relação do aspecto com as categorias verbais de tempo, modo e voz ; estabeleceu um quadro das noções aspectuais que se expressam no Português e um quadro correspondente de aspectos; verificou se o aspecto é uma categoria exclusivamente verbal ou se aparece também nos nomes e, finalmente registrou influências do aspecto na estruturação da frase, inclusive casos de agramaticalidade devidos à violação de restrições ligadas ao aspecto.

Travaglia ( 1985 ) define o aspecto "*como uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do complemento e o da realização da situação*". (p.53)

Quando se refere à categoria verbal de TEMPO, Travaglia não esclarece se está se referindo à categoria morfo-sintática, à categoria semântica ou ao mundo. Assim, o autor não explicita se o "aspecto" é um recurso morfo-sintático

para marcar a duração da situação ou um ponto de vista do falante sobre a duração da situação, ou ainda uma possibilidade teórica de marcar essa duração.

Assim como Castilho (1967), Travaglia estabelece primeiro o elenco das noções aspectuais considerando duração, pontualidade e fases de desenvolvimento da ação para, em seguida, apresentar o quadro de aspectos do Português e aponta como meios de expressão do aspecto as flexões verbais, as perífrases, o semantema verbal, os adjuntos adverbiais, o tipo oracional, a repetição do verbo, a ênfase entonacional, as preposições e o complemento do verbo.

Cita , ainda, a atuação dos afixos e do sujeito na expressão do aspecto. Estabelece também, as noções semânticas aspectuais presentes no verbo, verificando se a noção semântica em questão é uma noção temporal não-dêitica indicativa da duração da situação ou de uma de suas fases. A conjugação dos meios de expressão do aspecto com as noções aspectuais leva o autor a apresentar uma lista de aspectos que na verdade são modos de ação, e Travaglia defende uma listagem dos "aspectos" dizendo que " *esta permite uma análise aspectual melhor, por ser mais simples e completa a análise com um menor número de elementos*". ( p.86)

A duração é a primeira noção semântica aspectual e indica TEMPO de desenvolvimento da situação. Pode ser qualificada como contínua, quando a situação é apresentada sem nenhuma interrupção no seu tempo de existência, ou descontínua, quando a situação se apresenta sofrendo interrupções na sua duração, que cria a idéia de repetição.

(73)Pedro ficará estudando por duas horas. ( duração contínua) (p.57 - ex: 9a)

(74) *D. Maria vai todos os dias na praia.* ( duração descontínua) (p.58 - ex:20)

Essas durações podem ser limitadas ou ilimitadas, sendo que a primeira ocorre quando se indica o seu início ou fim ou valor de curta duração (1), ou mesmo sem nenhuma limitação explícita, a situação é sentida intuitivamente pelo falante como de duração finita e na segunda, os limites da duração não são conhecidos nem sugeridos.

Travaglia afirma que, para determinar o aspecto, é necessário descobrir se a duração é limitada ou ilimitada, porém ele não diz como se faz isto.

As noções aspectuais consideradas por Travaglia são, na verdade, os traços semânticos aspectuais propostos pela literatura estruturalista sobre aspecto.

As noções aspectuais duração e não / duração aparecem normalmente em frases indicativas de situações "eternas" ou sentidas como tal numa dada época, pode acontecer ainda, de uma situação ser atemporal, ou seja, não atualizam a categoria tempo em que indicam coisas válidas para o tempo todo e podem ser representadas, por exemplo, hábitos representados geralmente pelo tempo presente e que Mira Mateus denomina de gnômico, cujo aspecto é o imperfectivo, por exemplo:

(75) *Os ângulos internos do triângulo somem 180 graus.* ( A soma dos ângulos internos é 180 graus antes do momento da fala, no tempo da fala e continua sendo 180 graus). (p.101 - ex:172)

(76) *Nunca somos suficientemente prudentes.* ( Tanto hoje, como ontem, como amanhã). (p 101- ex: 176)

(77) *O ano tem 365 dias.* (p.101- ex: 173)

Pode-se observar que, mesmo tendo nos exemplos (75), (76) e (77) acima, verbos no presente do indicativo, o perfeito e o futuro do presente como tempos flexionais, não podemos garantir que aí tenhamos a categoria de tempo atualizada em presente, passado e futuro, visto que são verdades eternas e estes verbos podem estar em qualquer tempo, que não vai alterar o significado.

Em oposição à duração, ocorre a não-duração ou pontualidade, que é o caso da situação cujo início e término ocorrem no mesmo instante ou separados por um lapso de TEMPO curto, de tal forma que a situação é concebida como pontual

*(78) O menino pega a pedra e a joga no vidro.*

Em seguida, Travaglia passa da duração ao tratamento das fases da situação, que, do ponto de vista da realização são três:

a) **por começar**, a ação ainda não começou, a situação é apresentada como algo por fazer ou ocorrer:

*(79) Seu irmão está para chegar.*(p.62 - ex: 36)

A ação não começou ainda e pode ser que nem venha a começar.

b) **não- acabado ou começado**.

*(80) Os rapazes continuam jogando futebol apesar da chuva.* (p.110 - ex: 38 )

Em (80), observa-se que a situação está se realizando, apresenta uma ação já iniciada, se desenvolvendo, portanto, uma situação não acabada.

a) **acabado**, o desenrolar da ação já acabou, se caracteriza por apresentar a situação após seu momento de término.

*(81) Maria leu o livro.* (p.111- ex:40)

*(82) Mamãe acaba de fazer um bolo.*( p.63 - ex:43)

Nos dois exemplos (81) e (82) a ação começou e terminou . No exemplo (84), tem-se a noção aspectual e junto há a expressão temporal de passado recente devido a presença do verbo no presente do indicativo + de + infinitivo, a situação também é vista como acabada.

Do ponto de vista do desenvolvimento, as fases da situação, para Travaglia, se dividem em **início** que chamou de **incepção ou inceptividade**, **meio** que denominou **cursividade** e **fim** que chamou de **terminatividade**. A inepção aparece quando a situação está em seu ponto inicial; a cursividade se caracteriza pela situação em pleno desenvolvimento e, finalmente, a terminatividade quando a situação está em seu ponto de término.

O último grupo das noções aspectuais ligadas às fases da situação é o das noções caracterizadas pela fase sob o ponto de vista do **completamento**. Tem-se aí a situação **completa** e a **incompleta**; na primeira, a situação se mostra em sua totalidade, como um todo indivisível ( começo, meio e fim) e, na segunda a situação se caracteriza pela incompletude.

Depois de estabelecidas as noções aspectuais, Travaglia classifica os aspectos no Português como: *perfectivo, imperfectivo, durativo, indeterminado, iterativo, habitual, pontual, não-começado, não-acabado ou começado, acabado, inceptivo, cursivo, terminativo e não-aspecto* ou ausência de noções aspectuais, onde não há referência à duração e às fases da situação, como veremos a seguir:

**Perfectivo:** é caracterizado por apresentar a situação como **completa**, isto é, em sua totalidade. O todo da situação é apresentado como um todo único, com começo, meio e fim englobados juntos.

(83) Antonio **ouviu** música o dia todo.(p.96- ex:10)

(84) *Eu **estive** doente, por isso faltei a duas aulas.* (p.96 - ex:82)

Há, porém, exemplos do próprio Travaglia que contradizem esta afirmação.

Vejamos:

(85) *Maria ficou olhando as fotos durante várias horas.*(p.96-ex:40)

Com este exemplo, não se pode afirmar que a situação está realmente completa porque "ficou olhando durante várias horas" , não garante que ela já acabou de olhar, pode significar que Maria ainda esteja olhando.

(86) *O amor dos tios foi transformando aquela criança.*(p.100- ex:69)

Pode-se dizer que o amor transformou e pode estar transformando até hoje.

**Imperfectivo:** é caracterizado por apresentar a situação como incompleta, isto é, não se tem o todo da situação e, por isso, normalmente ela é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento. Isto equivale a dizer que, normalmente, a noção que caracteriza o aspecto imperfectivo aparece juntamente com as noções aspectuais representadas pelas fases do desenvolvimento da situação.

(87) ***Estou escrevendo** há dias e **começo a sentir-me** fatigado.* (p.98-ex.161)

A distinção perfectivo x imperfectivo, como afirma Comrie (1976), causa muitas vezes certa dificuldade de entendimento, porque as noções básicas para o estabelecimento da oposição não são colocadas adequadamente.

No perfectivo, há a falta de referência explícita à constituição temporal interna de uma situação. Talvez por isso seja possível que as formas perfectivas se usem em situações que são internamente complexas, tais como aquelas que

perduram por um considerável período de tempo ou incluem um número de fases internas distintas desde que o todo da situação seja tratado como um conjunto único.

O **durativo** indica situação de duração contínua e limitada, por exemplo:

(88) *Ele estava nadando desde as seis horas da manhã.* (p.100- ex: 8a)

Quando Travaglia se refere à situação durativa, afirma que em algumas situações pontuais, às vezes, elas podem ser apresentadas como durativas.

(89) O treinador do time esteve doente. (p.79 - ex:114)

E /ou o término de uma situação durativa:

(90) A bomba explodiu ao meio-dia. (p.79 – ex:112)

E ainda afirma na p.79 " *que os eventos por serem situações pontuais não deveriam ser usados com o aspecto imperfectivo, mas algumas vezes o são*". Nestes casos, o falante apresenta a situação pontual como incompleta e durativa.

( 91) *O rapaz está pulando o muro.* (p.79 - ex:114)

Temos aí o efeito de câmara lenta.

O **indeterminado** indica situação de duração contínua e ilimitada, porém precisa-se notar que ilimitada não quer dizer infinita e sim sem limites conhecidos, ainda que intuitivamente. Como veremos adiante, o aspecto indeterminado de Travaglia corresponde ao gnômico de Mira Mateus (p.98). Segundo Travaglia, as frases que apresentam aspecto indeterminado têm basicamente as seguintes funções:

a) apresentar verdades eternas ou tidas como tais;

(92) *Os ângulos internos do triângulo **somam** 180 graus.* (p.101 – ex: 172)

b) caracterizar seres ou coisas;

(93) *A zebra **é** herbívora.* (p.102 – ex: 180)

c) definir seres e coisas;

(94) *Lâmpada* - objeto que **serve** para iluminar. (p.102 –ex:183)

Para Castilho (1967), o indeterminado não pode ser caracterizado nem como perfectivo, nem como imperfectivo, pois muitas vezes, os exemplos de aspecto indeterminado são frases onitemporais que expressam as verdades gerais ou gnômicas presentes em provérbios ou informações de caráter geral.

(95) *A Terra gira em torno do Sol.* ( p.57 - ex:12)

O **iterativo** mostra a situação como de duração descontínua limitada, segundo a colocação de Travaglia. Já, na opinião de Castilho, o iterativo tem características durativas e pontuais. O que vai determinar essa quantificação são os advérbios. Vejamos os exemplos:

(96) *Ela me **acenou** várias vezes.* ( Travaglia p.102 – ex: 187)

(97) *Celina **anda perguntando** por você.* (Travaglia p.231– ex:918)

O modo de repetição normalmente é marcado por meios lexicais, a frequência da repetição em (96) é marcada pelo adjunto adverbial *várias vezes* e, que de certa forma acaba quantificando e dando regularidade à repetição. Em (97), temos o aspecto iterativo marcado pela perífrase.

O **habitual** é o aspecto que apresenta a situação como tendo duração descontínua ilimitada.

(98) *Eu usava fumar após as refeições.* (p.104- ex:198)

(99) *Se fica sem dormir ele adocece.* (p.104- ex: 200)

Travaglia ao se referir à habitualidade, é incoerente, visto que ele mesmo cita que a distinção entre duração limitada e ilimitada como real. Conforme observa-se na citação abaixo:

Considerando o fato que a habitualidade não é uma noção aspectual poder-se-ia propor a reunião dos aspectos iterativo e habitual num só aspecto, já que ambos se caracterizam basicamente pela repetição originada de duração descontínua. Isto, entretanto, esta reunião implicaria em desconsiderar a distinção entre duração limitada e ilimitada, que é real e representada por duas noções aspectuais distintas. (p.104)

Castilho (p.92) faz também uma observação a esse respeito: "pode a repetição ser ou consciente, intencional ou automática, rotineira, que é o caso onde teremos o hábito".

(100) *Paulo fuma muito.* (p.105 - ex: 205)

Para Travaglia, o aspecto **pontual** é caracterizado por apresentar a situação como pontual, como não tendo duração, porém alguns exemplos seus não confirmam isto.

(101) *Caxias **ataca** o inimigo e **vence-o.*** (pontual, sem duração) (p.107- ex: 219)

(102) *Raulzinho pega a bola e atira para Roberto.* (p.106- ex: 215 ) .

Neste exemplo temos o fato narrado no instante em que ocorre.

Observa-se no exemplo ( 101) que, por estar no presente do indicativo, para Travaglia, indica aspecto pontual perfectivo **acabado**. O pontual é não acabado quando a forma verbal aparece no presente do indicativo e, na concepção de Travaglia, o aspecto pontual perfectivo aparece nas formas

verbais do presente e do pretérito perfeito e com verbos indicando instantaneidade.

Na nossa opinião, a situação pontual não existe, pois qualquer situação terá duração por menor que seja.

Castilho (p.81), quanto ao aspecto pontual, aponta os verbos *partir*, *descobrir*, *apagar*, *fechar* como pontuais e télicos, sendo que, para ele, estes verbos indicam um processo acabado tão logo começado. Vejamos os exemplos:

(103) *Caxias ataca e vence o inimigo. (p.107 - ex: 219)*

(104) *Subitamente, os sábios descobriram segredos que os teólogos até aquela data supunham apenas pertencerem a Deus. (p.80 - ex:68)*

A presença ou não do aspecto pontual pode ser detectada pela presença ou não de colocação de uma adjunto adverbial durativo. Esse advérbio serve às vezes apenas para indicar a mudança da situação e não a pontualidade.

(105) Ele corria há cinco horas. ( p.153 – ex:349 b)

(106) Ricardo estudava há três dias. ( p.99 – ex:166 b)

Observa-se que, se o adjunto adverbial for tomado como pontual nos exemplos (105) e (106) , a frase terá valor cursivo e o adjunto adverbial marcará um momento em que a situação estava ocorrendo.

Tanto Castilho, como Travaglia consideram o aspecto pontual as situações com verbos no presente do indicativo ou no pretérito perfeito.

(107) *Achei seu anel dentro da gaveta do criado. ( p.107 –ex: 222)*

Para marcar aspecto pontual com verbo no pretérito perfeito é necessário que estes verbos indiquem situações estritamente pontuais.

O aspecto **não-começado** mostra a situação na fase anterior ao início de sua realização, ou seja, como algo que está por começar.

( 108) *Pedro **está para emoldurar** o quadro. (p.109 - ex:35)*

Entretanto, quando a situação está em realização, ou seja, após o seu momento de início e antes do seu momento de término, tem-se o **não-acabado** ou **começado**, que, tal como o imperfectivo, apresenta uma situação em desenvolvimento, uma situação incompleta.

(109) *Minha cabeça **tem doído** muito. (p.110 - ex:11c)*

Este exemplo (109), que Travaglia coloca como não-acabado ou começado, pode ser visto também como inceptivo, cursivo, iterativo e imperfectivo.

O aspecto **acabado** apresenta a situação após o seu momento de término, ou seja, como concluída, acabada, terminada.

(110) *Maria **leu** o livro. (p.111- ex:40)*

(111) *Quando eles voltarem, já **terei preparado** o lanche. (p.111- ex:59)*

O **inceptivo** mostra a situação em seu ponto de início ou seus primeiros momentos.

( 112) *Os marceneiros **estão começando a armar** o telhado. (p.112- ex: 44)*

São normalmente usadas as perífrases ir + gerúndio:

(113) *Pedro ia caminhando pelas ruas enquanto pensava em seu problema. (p.224 - ex: 854)*

Quando o tempo gramatical é o pretérito imperfeito para falar de uma ação na qual só se deu o primeiro passo, mostrando que a ação começou, está se desenvolvendo, mas não se realizou.

(114) *José começou a falar na segunda aula. (p.112 - ex:106)*

O  **cursivo** se caracteriza por apresentar a situação em pleno desenvolvimento, ou seja, esta é concebida como tendo passado seus primeiros momentos e ainda não tendo atingido seu final. Pensamos que o cursivo também pode ser classificado como imperfectivo, visto que apresenta situação incompleta.

(115) *Os rapazes **continuam jogando** apesar da chuva.* ( p.112- ex:38)

(116) *A mistura **ia endurecendo** lentamente.(p.112- ex:165)*

É, talvez, estranho falar em pleno desenvolvimento, porém é neste sentido que uma frase indica estado e tem aspecto cursivo. Também encontramos aspecto iterativo, devido à duração descontínua, pode parecer estranho falar em aspecto cursivo. Mas é preciso lembrar que estamos falando em cursividade da situação criada pela repetição e não de cada realização da situação que se repete.

( 117) *Minha cabeça **tem doído** muito. (p.110 - ex:11c)*

A situação em (117) está em realização, após seu momento de início e antes do seu momento de término, podemos dizer que temos o aspecto não-acabado ou começado.

O aspecto **terminativo** que se caracteriza por apresentar a situação nos últimos momentos ou em seu momento de término, é percebido facilmente no exemplo:

(118) *Raquel **terminava de escrever** a carta, quando o telefone tocou.*  
(p.113 - ex:53)

Finalmente, o **não aspecto** se caracteriza pela ausência da noção aspectual na frase, ou seja, não há referência à duração ou às fases da situação, pois a categoria de aspecto não terá sido atualizada.

(119) *Você **tem de prestar** atenção.* (p.115 - ex: 237)

(120) *Se ele **pagar** a taxa até amanhã, não haverá problema.* (p.115- ex: 241)

No entanto, essa noção não fica clara no decorrer do trabalho em questão, não sendo explicados os motivos pelos quais o aspecto não é atualizado na frase e entendemos que a noção não-aspecto não faz sentido, partindo do pressuposto de que a flexão verbal indica aspecto.

Travaglia pondera que as noções aspectuais se combinam para resultar nos aspectos. Ele faz apenas uma primeira sistematização dessa relação e trata a situação tanto do ponto de vista da sua duração quanto as suas fases e vendo, portanto, os aspectos isoladamente.

Travaglia trata a relação do ASPECTO com as categorias verbais voz, modo e tempo e considera as categorias tempo e aspecto como categorias de TEMPO e que ambas se expressam muitas vezes pela flexão verbal. O autor estabelece a seguinte distinção:

a categoria de tempo situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento de fala como anterior ( passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a esse momento. É uma categoria dêitica, uma vez que indica o momento da situação relativamente à situação da enunciação. Aqui temos uma datação(...) a categoria de aspecto não é uma categoria dêitica, pois se refere à situação em si. Como diz, COMRIE ( 1976) o aspecto são as diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna da situação, sua duração(...)(p.53).

Ainda que faça uma distinção teórica entre as categorias *tempo* e *aspecto*, Travaglia não é incisivo sobre o papel dos tempos flexionais gramaticais, a categoria semântica TEMPO é altamente codificada em Português, a saber, os tempos verbais , assim como certas construções com auxiliar mais verbo principal. Mesmo quando o tempo semântico é claramente denotado através de elementos lexicais ( sufixos modo-temporais) ou com os advérbios de tempo que deixam bem claro o tempo em relação ao momento da enunciação. O tempo, para Travaglia, "*é uma categoria verbal que corresponde às épocas presente, passado e futuro, enquanto os tempos flexionais se referem aos agrupamentos de flexões da conjugação verbal, na gramática tradicional entendida como a categoria tempo*". (p. 51)

Como exemplo , Travaglia cita :

(121) *Amanhã irei a Santos. (p.51)*

Tempo: futuro

Tempo gramatical: futuro do presente

(122) *Amanhã vou a Santos. (p.51)*

Tempo: futuro

Tempo gramatical: presente do indicativo

Travaglia não esclarece quais são os elementos que interagem na expressão de tempo. Portanto, não explicita se a flexão indica TEMPO

(distinção entre tempo x tempo flexional), ou se o advérbio tem essa função, ou ainda, se ambos expressam a categoria TEMPO.

Tanto para Castilho quanto para Travaglia, o aspecto se atualiza no verbo e é influenciado por outros elementos. Os dois autores não realizam a mesma análise do aspecto em Português, porém se utilizam, aparentemente, da mesma matriz teórica, pois ambos partem de noções semânticas para depois estabelecerem sua gramaticalização, na qual os fatores identificados individualmente se combinam para produzir o aspecto final. Ao trabalhar com a mesma matriz, Castilho e Travaglia se preocupam com as significações semânticas antes de observar sintaxe e morfologia. Tentam estabelecer um elenco de modos de ação, entendidos como traços semânticos ou parâmetros.

Convém notar também que a quantidade de alternativas de aspectos, consideradas pelos autores para estudo de elementos avaliados somente intuitivamente e acabam interpretando aspectualidade das mesmas sentenças de formas diferentes.

Travaglia alerta para que não se confunda situações referenciais e situações narradas, pois se isto ocorrer, faremos análises falsas e ficaremos diante de problemas insolúveis. ( p.88)

Observa-se que Travaglia se preocupa tanto com os detalhes que suas colocações acabam ficando confusas e, isso se deve ao fato de que a sua análise e suas conclusões como já dissemos, são baseadas em suas admiráveis intuições.

Quanto à flexão verbal, Castilho a considera indeterminada, destacando que em alguns casos, a noção aspectual “parece” concentrar-se na flexão, por isso, o autor adota a classificação tradicional dos tempos verbais ( flexão, modo-temporal).

Travaglia, no entanto, pondera que a flexão temporal indica aspecto, vinculado tempos flexionais a ele. O autor observa que o presente do indicativo em si marca os aspectos indeterminado, habitual, não acabado, cursivo e imperfectivo. Já, em conjunto com outros meios ( adjuntos), as sentenças apresentam aspectos durativo, pontual, acabado e perfectivo, o autor ainda afirma, que em alguns casos, o presente não atualiza nenhum aspecto, quando é usado com valor de futuro. Vê-se que Travaglia não deixa claro quais são os significados veiculados pela flexão verbal do presente e dos demais tempos.

Os autores poderiam estabelecer uma combinatória dos vários fatores que concorrem para a obtenção dos aspectos, especificando o papel de cada um, pois os exemplos apresentados abordam apenas um dos pontos. Seria necessário um exemplo "matriz" no qual todos os fatores identificados individualmente se combinariam para produzir o aspecto final.

#### 2.4 Mira Mateus et al (1984)

Mateus et al analisam em sua Gramática da Língua Portuguesa, no subcapítulo "Categoria Lingüística do Aspecto" (1984) os mecanismos e processos de natureza semântica e pragmática. Para os autores, a localização do estado de coisas descrito por um predicador que pode pertencer à classe dos estados, relativamente ao momento da enunciação tem a sua expressão lingüística na categoria tempo que está gramaticalizada nos tempos verbais e se exprime igualmente através de advérbios temporais e de conectores frásicos de valor temporal.

Mira Mateus et al consideram que a categoria tempo se expressa pelos tempos verbais. No exemplo abaixo, o verbo indica que a situação é anterior ao momento da enunciação, caracterizando o passado e o advérbio delimita.

*(123) A Ana telefonou ontem para o João.*

O verbo no passado expressa anterioridade do intervalo de tempo. Intervalo de tempo é o espaço delimitado entre dois pontos de referência que contém o estado de coisas descritos em relação ao momento da enunciação. Este tempo é expresso, geralmente, pelo pretérito perfeito ou imperfeito do indicativo.

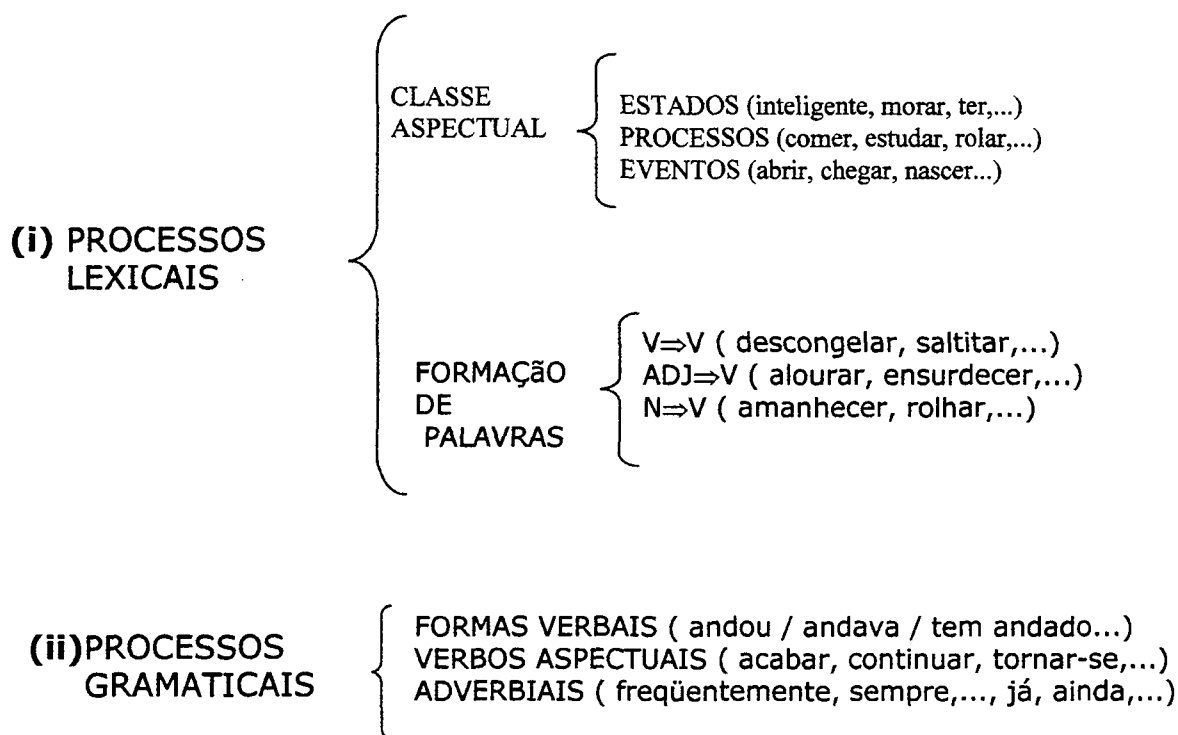
Mira Mateus et al definem aspecto como:

categoria que exprime o modo de ser (interno) de um estado de coisas descrito através de expressões de uma língua natural, (i) por seleção de um predicador pertencente a uma dada classe; (ii) por quantificação do intervalo de tempo em que o estado de coisas descrito está localizado, e/ou (iii) por referência à fronteira inicial ou final desse intervalo, ou a intervalos adjacentes. (p.125).

A definição apresentada deixa transparente que Mira Mateus et al se baseiam no trabalho de Dowty (1977) para distinguir classe aspectual e forma aspectual. A forma aspectual compreende o conceito de intervalo de tempo, operações de quantificação sobre intervalos de tempo, e referência às fronteiras inicial e final do intervalo de tempo. O valor aspectual de um dado enunciado resulta da classe aspectual a que pertence o predicador que nele ocorre da sua forma aspectual.

Segundo Mira Mateus et al, o Português dispõe de alguns processos que podem exprimir a categoria aspecto que são: processos lexicais que compreendem as classes gramaticais e formação de palavras e processos

gramaticais que compreendem as formas verbais, os verbos aspectuais e os advérbios.



Mira Mateus et al distinguem duas possibilidades aspectuais básicas: **valor aspectual pontual** ( em que o valor aspectual caracteriza enunciados que descrevem eventos de curta duração) e **valor aspectual durativo** (caracteriza enunciados que descrevem eventos ou processos) , em que retoma a posição estruturalista de fundamentar a análise aspectual em um elenco de parâmetros e traços semânticos. Recorrendo ao conceito de intervalo de tempo, Mateus et al apresentam, o seguinte esquema, a sistematização dos valores aspectuais:

<b>PONTUAL</b>	{	Incoativo Causativo Incorporativo ou Inceptivo Conclusivo Cessativo
<b>DURATIVO</b>	{	Cursivo Permansivo Iterativo Freqüentativo  Habitual  Gnômico

**ACABADO**

**INACABADO**

O valor aspectual **PONTUAL** caracteriza enunciados que descrevem **eventos**: a duração dos eventos é a do momento , ou então, de curta duração em que ocorre a mudança de estado ou transição sofrida por uma dada entidade. As autoras fazem uma série de subdivisões com as quais não concordamos por entender que o valor aspectual pontual deve ser instantâneo. O valor aspectual pontual para Mateus et al pode assumir um dos seguintes valores (p.96):

I) Valor aspectual **INCOATIVO** : passagem de um dado estado(~p) para outro estado (p). É este o valor expresso por um grande número de verbos incoativos (p.97). Verbos incoativos seriam, por exemplo, amanhecer, embranquecer, morrer, etc.

(124) *O dia amanheceu com muito sol.*

O valor aspectual incoativo é considerado por Castilho (1968) como uma modalidade de inceptivo que significa “o começo seguido de mudança de estado”, que corresponde ao aspecto imperfectivo. O conceito de mudança expresso por Castilho é usado na definição das classes aspectuais (não aspecto) que encerram atividade, accomplishments, achievements e estado definidos por Vendler (1967).

II) Valor aspectual CAUSATIVO ou RESULTATIVO: uma dada entidade x determina a passagem de uma entidade y de um estado( $\sim p$ ) para outro estado (p). Os Pev causativos (como matar, construir, etc.) exprimem este valor aspectual (p.97).

(125) *Os ditadores mataram muitas pessoas.*

Travaglia classificaria este exemplo como perfectivo, por apresentar a situação como completa na sua totalidade, e também como acabado por mostrar a situação após seu momento de término, portanto, concluída, acabada e terminada.

(III) Valor aspectual INCEPTIVO: um estado de coisas (p) localizado num dado intervalo  $I_t$  e diferente do que ocorrerá no  $I_t$  anterior adjacente a  $I_t$  (p) é apresentado como começando a ocorrer em  $I_t$  (p.97).

(126) *Ele começou a almoçar às duas horas.*

Outros verbos que exprimem este valor aspectual são *iniciar e partir*.

Nota-se que a maneira pela qual Mira Mateus et al diferenciam o incoativo e o inceptivo está em “começando a ocorrer”. Assim, este valor não pode ser **pontual**. Comparando as colocações de Mateus et al com Travaglia,

observamos que este autor nos dá um exemplo que dificilmente pode-se considerar como pontual:

(127) *Estou escrevendo há dias e começo a sentir-me fatigado.* ( p.98 - ex:161)

Segundo Vendler (1967), os verbos do tipo *começar, principiar, iniciar, etc,* são do tipo *achievements* e funcionam com os verbos de atividades e os *accomplishments* e quase nunca com os *achievements*.

(128) *Maria está começando a fazer o almoço ( atividade).*

Para Almeida ( 1980), a inceptividade é uma noção de princípio que se manifesta na expressão do processo verbal e este processo situa-se apenas na fase inicial não importando as fases seguintes e, para Travaglia, indica situação em seu ponto de início, ou então, em seus primeiros momentos.

(129) *O foguete está partindo para a Lua.*

IV) Valor aspectual CONCLUSIVO: um estado de coisas (p) localizado num dado intervalo It e diferente do que ocorrerá no It posterior adjacente a It (p) é apresentado do ponto de vista do término da sua ocorrência em It (p.97).

(130) *Marcos acabou de comer um sanduíche.*

*Chegar, concluir e terminar* também exprimem este valor aspectual e novamente dentro do conceito vendleriano, são todos verbos *achievement* e todos se referem ao término de uma situação, porém os *achievements* são eventos. Mateus et al se propõem a trabalhar com o enunciado que diz que "o valor aspectual PONTUAL caracteriza enunciados que descrevem eventos".(p.96)

Observa-se novamente que as autoras, apesar da definição apresentada se preocupam em sua análise somente com os elementos lexicais.

Travaglia considera como terminativo o que Mateus et al consideram conclusivo e ainda pode ser considerado como o oposto ao inceptivo .

(131) *Carlos estava chegando, quando a discussão começou.*

Como no caso do inceptivo, o terminativo de Travaglia que equivale ao conclusivo de Mira Mateus et al, não precisa ser pontual, basta apresentar -se nos seus últimos momentos ou em seu momento de término. Exemplo de Travaglia;

(132) *Espera um pouco que estou acabando de arrumar seu vestido.*

Exemplo que, se considerado nos últimos momentos, pode ser considerado "durativo" nos termos de Mira Mateus et al.

V) Valor aspectual CESSATIVO: passagem de um estado de coisas (p) que ocorrera no It adjacente a It para outro estado(~p) que não ocorre em It (p.97).

(133) *João deixou de fumar.*

Deixar de + infinitivo.

Para Travaglia, muitas vezes, a noção de situação acabada aparece sob a forma de cessamento.

(134) *O treinador do time esteve doente.*

O valor **durativo** caracteriza enunciados que descrevem estados ou processos (p.97). Novamente Mira Mateus leva em conta somente os processos lexicais de expressão do aspecto. Este valor aspectual pode assumir um dos seguintes valores:

VI) Valor aspectual CURSIVO: um estado do coisas (p) , localizado num dado It, é apresentado como estando em curso em It (p.97). Que de acordo com Mira Mateus et al o cursivo aparece na maioria dos predicadores de estado e processo, ( atividade de Vendler).

(135) *João está a estudar.* ( Verbo + a INF )

Travaglia (1985) explicita a noção de “estar em curso”, dizendo que o cursivo apresenta a situação em pleno desenvolvimento, que já passou dos primeiros momentos e ainda não atingiu os últimos momentos ( p.112). Entende-se que a situação é apresentada na fase do meio do desenvolvimento.

Em Portugal a forma usada **ESTAR + a INF** corresponde mais ou menos no português brasileiro a **ESTAR + GER** .

Castilho (1968) divide o cursivo. Para ele, o cursivo é o aspecto imperfectivo em que não se conhece os limites, ou melhor, a ação é vista em pleno desenvolvimento, sem a preocupação de início ou final de processo. Há o cursivo propriamente dito e o cursivo progressivo.

(136) *Carmem continua pensativa.* ( cursivo propriamente dito) (139)  
*José andou olhando as vitrines.* ( cursivo progressivo)

VII) Valor aspectual PERMANSIVO: um estado de coisas (p), localizado num dado It, ocorrerá também no It anterior adjacente a It (p.97).

(137) *João continua a estudar.*

Os verbos que exprimem este valor aspectual são os predicadores de eventos como *conservar, manter*, a perífrase *continuar + Inf*.

Travaglia não tem em seu quadro de valores aspectuais o "permansivo". A perífrase continuar + Ger marca aspectos começado ou não-acabado e durativo para a situação expressa pelo verbo principal com qualquer flexão verbal.

VIII) Valor aspectual ITERATIVO: um estado de coisas (p) localizado num dado It, ocorre n vezes nesse It (p.97). Este valor aspectual é expresso por estruturas do tipo *andar a + adjetivo*, *andar a + no infinitivo* e por verbos com sufixo *itar*; *saltitar*, *dormitar*, etc .

( 138) *O menino anda a saltitar pelas ruas.*

Os lingüistas brasileiros , como Travaglia e Castilho concordam com Mira Mateus et al que a maior parte dos verbos que têm o sufixo *itar* exprimem valor aspectual iterativo, como também a construção *andar + a inf* que equivale mais ou menos no português brasileiro a *andar+ ger*. Travaglia afirma que esta construção marca o iterativo com todas as flexões em que é possível.

(139) *Celina anda perguntado por você.*

(140) *Carlos andava perguntando por Maria.*

IX) Valor aspectual FREQUENTATIVO: um estado de coisas(p), localizado num dado It , ocorre um número significativo de vezes em It, em intervalos anteriores a It. Este valor é expresso pelo presente simples e adverbiais freqüenciais como  **muitas vezes**  e  **freqüentemente**  (p.97).

(141) *João estuda freqüentemente para as provas.*

(142) *Marcos, muitas vezes, almoça no restaurante .*

Para Castilho (p.95), esses adverbiais citados por Mira Mateus introduzem o aspecto iterativo imperfeito.

(143) *Sinhá Vitória, inquieta, fora muitas vezes escutar na porta da frente.*  
(86 a : p.95)

X) Valor aspectual HABITUAL: um estado de coisas (p) , localizado num dado It, ocorre em It, em intervalos anteriores adjacentes a It e, presumivelmente, em intervalos anteriores adjacentes a It, apresentando-se como comportamento ou característica habitual de um dos participantes no estado de coisas descrito e nos intervalos em questão. Construções como *costumar, ser costume p, ser habitual p* e o presente simples exprimem este valor aspectual (p.98).

(144) *João costuma estudar.*

Travaglia trata o aspecto habitual como aquele que tem "duração descontínua ilimitada"(p.104), ou seja, existem interrupções na sua duração, que vai criar a idéia de repetição e, com base nesta característica, Travaglia aponta a possibilidade de serem o iterativo e o habitual um único aspecto com a diferença que a iteração tem a duração limitada e que o habitual tem a duração ilimitada. Para o autor , no iterativo, a repetição da situação precisa ser marcada gramaticalmente que ocorre graças à presença de adjuntos adverbiais do tipo *muitas vezes, todos os dias, sempre, aos domingos, etc.*, porém, muitas vezes os mesmos advérbios marcam, nos seus exemplos, o habitual. É necessário saber reconhecer se a duração é limitada ou não para reconhecer se o valor aspectual é iterativo, ou habitual e Travaglia não deixa claro como se pode proceder para avaliá-lo.

(145) *Todas as manhãs ele costuma me cumprimentar com um sorriso.*  
( *habitual*) (p.104 – ex:199)

(146) *Ele me acenou várias vezes. ( iterativo) (p.102 – ex:187)*

Almeida (1980) observou que o “auxiliar *costumar*”, por traduzir apenas o hábito, o costume da efetivação da ação principal, não configura a realização da ação, mas sim de uma possibilidade da ocorrência de experiências anteriores e também considera este verbo com valor aspectual iterativo freqüentativo e dá o exemplo:

(147) *Só costumo tomar vinho.*

Vendler entende o *habitual* como um estado. A questão de “hábito” é muito subjetiva, visto que para uns uma determinada atitude pode ser considerada hábito e para outros a mesma atitude não é hábito.

(148) *Eu levanto cedo todos os dias.*

(149) *Carmem vem à universidade todos os dias.*

XI) Valor aspectual GNÔMICO: um estado de coisas (p) , localizado num dado It, ocorre em todos os subintervalos de It (p.98).

(150) *João estuda. (= João é estudante),*

(151) *A Terra gira em torno do Sol.*

O aspecto indeterminado de Travaglia é paralelo ao gnômico de Mira Mateus et al, pois, analisando a definição que a autora dá, nota-se que a definição serviria para os outros valores aspectuais do durativo.

Finalmente, chegamos aos valores aspectuais ACABADO e INACABADO e observa-se que Mira Mateus et al utilizam critérios diferentes para dar conta dos valores aspectuais estabelecidos. Sua análise aspectual é semelhante à análise proposta por Travaglia.

a) Valor aspectual ACABADO: a descrição de um estado de coisas (p) , localizado num dado It , tem como ponto de referência a fronteira final de It . O passado **perfeito** exprime este valor aspectual (p.98). Quanto ao ponto de referência não fica claro o que este representa para Mira Mateus et al , nota-se apenas que os autores retomam o ponto de referência postulado por Reichenbach, juntamente com o ponto de fala e ponto de evento.

(152) *Luís estudou até tarde.*

(153) *Já bebi o suco de laranja.*

Nos exemplos citados acima, vê-se que a ação está acabada, encerrada.

b) Valor aspectual INACABADO: a descrição de um estado de coisas ( p), localizado num dado It, tem como ponto de referência um mt interno a It. O passado imperfeito e o pretérito perfeito, assim como *ainda* e *ainda não*, exprimem este valor aspectual (p.98):

(154) *Luís estudava até tarde.*

(155) *Pedro ainda não viu a namorada hoje.*

Em (155), o verbo está no pretérito perfeito, mas, devido à presença da locução adverbial *ainda não* a oração tem valor aspectual inacabado.

Concluindo, observa-se que Mira Mateus et al propõem a consideração das classes aspectuais na sua análise , porém não conseguem deixar claro o que pretendiam; utilizam-se dos conceitos estruturalistas de traços semânticos. Novamente, Mira Mateus et al se contradizem ao observar a importância dos processos gramaticais, na expressão do aspecto em português. As autoras esquecem estes processos e se concentram unicamente nos processos lexicais, apresentando na sua listagem dos valores aspectuais verbos no infinitivo.

Por estudarem praticamente os mesmos meios de expressão do aspecto, Mira Mateus et al, Castilho e Travaglia abordam esses fatos a partir dos

mesmos dados, usando instrumentos de análises similares e estabelecem, a princípio valores aspectuais e posteriormente caracterizam cada aspecto, descrevem os recursos morfo-sintáticos utilizados na sua expressão e utilizam como método a onomasiologia ( estudo das formas a partir de conceitos).

Castilho e Travaglia afirmam que muitos fatores interagem na indicação do aspecto. Entretanto, os autores descrevem cada fator separadamente, não os relacionando com o todo. Os autores não delimitam o papel da flexão verbal, ora a consideram indeterminada (Castilho), ora indicativa de tempo (Travaglia), ou então, não a discutem (Mira Mateus et al).

Castilho afirma que, quando um verbo é télico exprime duração, a flexão temporal é responsável pelo aspecto resultante o autor sugere que a flexão verbal indica aspecto, apesar de considerar apenas a tendência aspectual dos tempos e Travaglia tenta estabelecer valores para a flexão verbal. Os valores flexionais são somados aos outros recursos indicativos da aspecto na sentença, não ficando claro o papel de cada um.

A importância do trabalho de Mira Mateus et al foi terem introduzido a noção de intervalo de Dowty ( 1979). Porém ocorre ambigüidade em suas definições e as autoras recorrem aos conceitos de intervalo ao tratar da categoria aspecto. Concordamos com Longo (1990) que comenta o fato de Mira Mateus et al :

*...não buscaram uma abstração dos diversos usos de cada tempo para se chegar a uma representação única que refletisse as variadas ocorrências. Ao contrário, para cada emprego atribuíram representações diferentes de tal modo que fica difícil chegar a um denominador comum. (p.139)*

Quanto aos advérbios, Mira Mateus et al os incluem nos processos gramaticais. Para elas, assim como para outros autores tradicionais, o advérbio

é a categoria nuclear do sintagma adverbial, podendo se apresentar como uma única palavra ou como locução adverbial. Alguns advérbios colocados como especificadores no interior de SADV e outros advérbios colocados com função de quantificadores.

(156) *O João não está nada bem.*

(157) *Subiu a escada muito rapidamente.*

## 2.5 Godoi (1992)

Godoi (1992), para propor uma definição de aspecto, busca nos conceitos de Reichenbach subsídios para sua proposta. Procurou definir em termos de intervalos o aspecto e quanto aos advérbios não se aprofunda.

Baseia-se nos conceitos de tempo de referência e tempo de evento, da classe aspectual (Vendler), do intervalo (Dowty) e da propriedade- EP (Hataf) e procura estabelecer algumas relações entre estes conceitos.

Godoi propõe a definição de duas categorias aspectuais- a perfectividade e a imperfectividade- em termos da relação entre o tempo de referência e o tempo do evento, que aparece sob duas possibilidades:

a) o tempo de referência inclui o tempo de evento e a situação será fechada;

b) o tempo de evento inclui o tempo de referência e a situação será aberta. (p.208 –209)

Para Godoi o aspecto é "*a relação estabelecida entre o tempo de evento e o tempo de referência*" (p.208). O tempo de referência é entendido como em Reinhart (1984), o tempo de referência (TR) é a unidade de tempo que contém

o evento. Esta relação entre TR e TE postulada por Godoi (1992) difere do sistema original de Reichenbach, ou seja, conceitos de anterioridade, de simultaneidade e de posterioridade.

No aspecto perfectivo teremos a inclusão do tempo de evento no tempo de referência.

*(158) Ana escreveu um romance.*

No aspecto imperfectivo teremos o tempo de referência contido no tempo de evento (TE).

*(159) João morava em Curitiba quando seu irmão passou no concurso para oficiais.*

Godoi ainda propõe que os verbos no imperfeito, no progressivo e no presente do indicativo denotam aspecto imperfectivo no que concordamos com a autora. Vejamos os exemplos:

*(160) João dormia a noite toda.*

*(161) João estava dormindo quando cheguei.*

*(162) João dorme tranquilamente na varanda.*

*(163) João está dormindo em sua casa.*

Observamos com estes exemplos citados que realmente o aspecto encontrado é o imperfectivo, já que em todas as orações as situações são incompletas, em desenvolvimento. No entanto, Godoi coloca que tanto o aspecto perfectivo quanto o aspecto imperfectivo são possíveis de serem encontrados nos tempos do presente, do passado e do futuro.

A autora ainda propõe que os advérbios não modificam apenas só os predicados, mas, às vezes, podem desempenhar um papel ativo na determinação da interpretação da sentença. Para melhor entender esta proposta, Godoi utilizou de um exemplo de Dry (1981):

(164) *This was more than silence... Here there was nothing to feel. Suddenly she was aware of her heart beating rapidly...*

*Isso era mais que o silêncio. Não havia nada para sentir. De repente, ela sentiu (percebeu) seu coração batendo rapidamente...(p. 215)*

Dry faz um comentário sobre este exemplo, no sentido de, se excluirmos “de repente”, tiraremos o sentido de introdução de um fato novo. O emprego ou não de “de repente” para o inglês, é importante porque há a introdução de um fato novo.

Dowty (1986) interpreta a expressão temporal “de repente” citada por Dry (1981) e será citada também por Smith (1978) no Capítulo IV como instantaneidade e que permite a introdução de uma nova situação no eixo do tempo e no exemplo citado por Dowty:

(165) *John went over the day's perplexing events once more in his mind suddenly he was fast a sleep.*

*João repassou/repassava mais uma vez na sua mente os estranhos acontecimentos do dia. De repente ele estava dormindo/dormia.*

No exemplo ( 165), temos o emprego do progressivo *estava dormindo* e se tirarmos a expressão temporal *de repente* não teremos uma oração bem formada.

(166) *João repassou/repassava mais uma vez na sua mente os estranhos acontecimentos do dia. Ele estava dormindo/dormia.*

No português, o advérbio *de repente* interage com a forma do pretérito perfeito, funciona como modificador, com o pretérito imperfeito, o advérbio funcionando como uma espécie de deslocador de significado que não altera em nada a relação entre TR e TE estabelecida pela forma verbal.

(167) O menino jantou rapidamente.

Advérbio interagindo com o pretérito perfeito funcionando como modificador.

(168) *O menino jantava rapidamente.*

Advérbio funcionando como deslocador de significado com o pretérito imperfeito.

Godoi ainda classifica os delimitadores, advérbios muito importantes no hebraico e no inglês e os principais delimitadores são os advérbios de duração, cruciais à língua hebraica e inglesa (aparecem juntamente com as formas progressivas, cuja função é tornar a eventualidade imperfectiva) . Segundo Godoi, no russo, este tipo de advérbio é capaz de interagir com as formas imperfectivas. Os delimitadores são usados para delimitar a duração dos estados e das atividades, onde o estado delimitado se comporta como um evento.

(169) *João dormiu dez horas e só depois começou a trabalhar.*

A sentença indica estado. Temos neste exemplo, o advérbio delimitador *dez horas* que estabelece os Eps<sup>2</sup>. O tempo de referência está incluído no tempo de evento.

A autora cita também as advérbios de inclusão como são designados por Hatav (1989). Esses advérbios não podem ser incluídos nas outras classificações já citadas, porque exercem funções diferentes nas orações como é o caso de: *onde, durante, enquanto, etc.* Esses advérbios formarão sentenças gramaticais, co- ocorrendo com os estados, as atividades e as sentenças progressivas.

(170) *João construía casas, neste tempo ele também estudava. (p.225)*

(171) *O bebê dormia/ estava dormindo, durante este tempo eu pude trabalhar. (p.225)*

---

<sup>2</sup>Eps são utilizados para determinar as possibilidades das sentenças aparecerem na linha do tempo e movem o tempo de referência para frente. (Hatav, 1989)

É bom observar que estes estados e atividades devem ter a forma imperfectiva, mas isso não é obrigatório para que possam entrar no esquema de incidência.<sup>3</sup>

Pensamos como Godoi, quanto aos estados e atividades na forma perfectiva, em ordenação temporal de duas ou mais situações, e achamos viável que possa ser expressa com a ajuda dos advérbios de inclusão.

(172) O bebê dormiu e neste tempo eu trabalhei.

(173) Enquanto eu trabalhei, o bebê dormiu.

Entendemos que estes advérbios designam simultaneidade, pois, na nossa opinião as duas atividades se realizam num mesmo intervalo de tempo. Godoi considera estes exemplos como inclusão própria, o advérbio *enquanto*, à medida que estabelecem uma relação de simultaneidade em si é uma noção temporal e não - aspectual.

A inclusão própria é para Godoi, quando duas atividades coincidem totalmente, não sendo apenas simultâneas, mas sincronizadas.

(174) Filomena morava em São Paulo, quando sua filha estudava no colégio em São Luís. (p.234)

Há neste exemplo, uma ordenação temporal, em que é possível tratar de duas atividades sincronizadas.

Godoi conclui que as relações se estabelecem entre o tempo de evento e o tempo de referência são as de inclusão. Assim define *aspecto como a relação entre TR e TE* (p.208). Quanto às relações própria ou imprópria de inclusão estas permitem explicar seqüências de situações com os advérbios de inclusão.

---

<sup>3</sup> Inclusão própria e imprópria: As duas situações são simultâneas. A Inclusão própria é impossível determinar se a simultaneidade é pura (sincronizada) ou não.

## 2.6. Perini (1995)

Quanto à categoria aspecto, Perini (1995), na Moderna Gramática Portuguesa, faz uma distinção entre tempo semântico e aspecto. Ele usa os exemplos (p.256):

(175) *Meu tio escreveu um livro.*

(176) *Meu tio estava escrevendo um livro.*

Nota-se uma diferença semântica entre os dois exemplos, Não se trata apenas de diferença temporal, pois as duas sentenças estão no passado. Em (175), o fato é apresentado como um todo único, com começo, meio e fim, temos uma ação com sua conclusão, com seu resultado puro e simples, sem análise da situação em seus constituintes. Já, em (176), a ação está em desenvolvimento, se detém no meio da ação. Assim como outros autores, Perini também considera a ação em (175) como aspecto perfectivo e em (176) como aspecto imperfectivo e geralmente considerada progressiva por possuir o verbo *estar* como auxiliar mais um verbo no gerúndio.

## CAPÍTULO III

### TRATAMENTO E ANÁLISE DOS ADVÉRBIOS NA LINGÜÍSTICA CONTEMPORÂNEA

#### 3.1. Mattoso Câmara Jr (1974)

Mattoso Câmara (1974) inclui os advérbios na classe dos nomes e na classe dos pronomes na função modificadora e, a partir do critério funcional, classifica-os como termos determinantes de um verbo ou de um nome. Refere-se aos advérbios que têm função complementar, na língua, de acrescentar uma qualificação a mais a um adjetivo: *muito feliz, extremamente feliz*; sabemos que esta não é a função essencial do advérbio.

Quanto ao sistema de pronomes, Câmara Júnior focaliza os locativos, ou seja, os demonstrativos em função adverbial. Divide os locativos em três séries, sendo que as duas primeiras estabelecem a posição em função do falante e a terceira estabelece a posição em função do ponto de referência.

Os advérbios que indicam posição no tempo em relação ao momento que se fala são de natureza nominal. Do ponto de vista semântico, os advérbios pronominais classificam-se em indicativos de lugar ou locativos ( de natureza demonstrativa ou indefinida), temporais, modais ( todos os que assinalam modalidades do processo verbal ou de qualificação adjetiva).

Os advérbios de natureza nominal aparecem de duas formas:

a) *palavras nominais específicas*- para indicar posição no tempo em relação ao momento em que se fala ( agora, ontem, hoje, amanhã) ou a um momento focalizado (cedo, tarde, antes, depois, acreditamos porém que os dois últimos:

*antes e depois* podem ser indicadores de posição no espaço); para indicar modalidades que acompanham o processo verbal ou a qualificação adjetiva (apenas);

b) *os adjetivos fixados na forma temática correspondente à forma do masculino singular* ( muito, tanto, barato, caro) e também constituídos por justaposição do termo **mente** ( maneira) e natureza pronominal, determinante de verbo e de adjetivo, função dêitica são características do advérbio que nossas gramáticas há muito vêm apontando.

### 3.2. Mira Mateus et al (1984)

Quanto aos advérbios, Mira Mateus et al incluem assim como os outros autores tradicionais, o advérbio é a categoria nuclear do sintagma adverbial, podendo se apresentar como uma única palavra ou como locução adverbial. Alguns advérbios colocados como especificadores no interior de SADV enquanto que outros advérbios têm função de quantificadores.

(177) O João não está *nada* bem. (*especificador*)

(178) Subiu a escada *muito rapidamente*. (*quantificador*)

### 3.3. Travaglia (1985)

Não há dúvidas que os adjuntos adverbiais têm bastante a ver com o aspecto. Alguns autores perceberam esta relação, tanto que Verkuyl ( 1972) afirma " *que qualquer tentativa de descrever sentenças que contêm advérbios de tempo, não pode ignorar o aspecto*". (p.89)

Castilho ( 1967) aponta numerosos exemplos em que o adjunto adverbial seria o responsável pelo aspecto presente nas frases e ainda afirma que os adjuntos adverbiais envolvidos na expressão do aspecto são sempre temporais. Os adverbiais servem para indicar a mudança e não a pontualidade.

( 179) João descobriu o tesouro em uma hora. (p. 84)

Neste exemplo, a situação "em uma hora" mostra a duração da situação e não a pontualidade.

Travaglia considera que os adjuntos adverbiais, envolvidos na expressão do aspecto em português, exercem sempre três funções:

a) evitar ambigüidades:

(180) *Ele sempre falava às dez horas.*

O adjunto adverbial evita ambigüidade, podendo ter duas interpretações, uma durativa, cursiva e outra habitual e a tendência é considerar a expressão habitual pelo pretérito imperfeito do indicativo , porque o falante prefere marcar o durativo e o cursivo utilizando -se de uma perífrase , dizendo:

(181) *Ele estava falando às dez horas.* (p.156 -ex:366)

A ambigüidade pode ser eliminada por uma adjunto adverbial de freqüência, como por exemplo, sempre, que torna a frase habitual.

Discordamos dessa colocação de Travaglia, por entender que independente do advérbio **sempre** o aspecto é imperfectivo.

b) marcar o aspecto por si ou em combinação com outro elemento;

O presente do indicativo por si não marca o aspecto acabado, embora uma situação apresentada pelo presente possa ter aspecto acabado marcado pela locução adverbial não...

(182) Roque **não fala mais** com você. (p.148 – ex:318)

Neste outro exemplo:

(183) O pobre animal morreu pouco a pouco.(p.111- ex:71)

Observa-se que a situação pontual “morrer” pode ser vista como durativa , por existir uma progressividade que seria “foi morrendo/estava morrendo” introduzida pela adjunto adverbial “pouco a pouco”.

Em combinação com outro elemento, o adjunto adverbial marca, por exemplo, o aspecto inceptivo e terminativo , respectivamente, com as perífrases começar + a + infinitivo e terminar + de + infinitivo nos futuros e nos pretéritos perfeito e mais que perfeito de indicativo.

(184) **Começam a nascer** as primeiras mudas de amor - perfeito no outono. (imperfeito, inceptivo e não - acabado)

(185) Rogério **terminara de ler** ontem o livro que você lhe emprestou. ( imperfectivo, terminativo e não-acabado)

c) reforçar um aspecto expresso por outro elemento, tornando-o mais patente.

(186) *Às vezes , chovia forte.* (p.156 -ex: 372)

Com este exemplo, o autor afirma que o pretérito imperfeito expressa o aspecto habitual e que isto é reforçado pelo adverbial *às vezes*.

É comum o adjunto adverbial reforçar o aspecto já expresso por outro elemento . Isto ocorre no iterativo e habitual expresso pelo pretérito imperfeito do indicativo e o presente do indicativo. Ocorre também com o adjunto adverbial que marca duração e uma perífrase durativa.

Os adjuntos adverbiais que atuam na expressão do aspecto são quase sempre de tempo ou freqüência. O advérbio **já** parece reforçar o aspecto perfectivo e o acabado.

( 187) *Eu **já andei** de montanha russa.* (p.292 –ex:1328)

Por outro lado , o advérbio **ainda** parece fazer o mesmo com o imperfectivo e o não-acabado.

(188) *Zulmira **ainda vende** roupas feitas.* (p.292 – ex:1327)

É interessante observar que os adjuntos adverbiais que expressam progressividade (**aos poucos, pouco, a pouco, cada vez mais, etc.**), sempre marcam ou reforçam o durativo.

Os adjuntos adverbiais de tempo ou freqüência do tipo **sempre, todos os dias, às vezes, várias vezes, muitas vezes, normalmente, diariamente, raramente, de tempos em tempos,** etc., em combinação com o presente e o pretérito imperfeito de indicativo e do subjuntivo, levam quase sempre, à expressão habitual e, mais raramente, à expressão do iterativo.

Quanto aos advérbios como **sempre, várias vezes, etc.** concordamos com a colocação de Bonfim (1976) que afirma que estes advérbios são de freqüência e não de tempo como afirma Travaglia.

Uma relação observada entre os adjuntos adverbiais e os aspectos é que os últimos (principalmente o imperfectivo e o perfectivo) condicionam a interpretação que se pode dar aos primeiros.

(189) *Ricardo estudava há três dias.* ( Havia três dias que estava estudando é incompleta).

É preciso notar que há, ainda, uma relação entre os aspectos durativo e pontual e os adjuntos adverbiais que expressam duração e pontualidade.

(190) *Às duas horas Maria ainda estava estudando.* ( Indica o tempo de realização da situação, o seu tempo de ocorrência).

#### 3.4. Ilari ( 1985)

No artigo que escreveu sobre Advérbios Aspectualizadores, Rodolfo Ilari ( 1985), utilizou dados colhidos pelo Projeto NURC ( Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta), e, após análise propõe que "o aspecto é propriedade da sentença e não da enunciação, já o tempo é propriedade da sentença e da enunciação". (p.154) Para Ilari, nem sempre é fácil separar tempo e aspecto na semântica dos tempos verbais e dos advérbios.

Para Ilari, a diferença entre os pretéritos perfeito e imperfeito é aspectual sendo que o imperfeito vai exprimir reiteração em que os fatos geralmente se repetem e o perfeito aponta para acontecimentos isolados.

(191) Pret. Imperfeito- *Ele geralmente ia com o tio...*

(192) Pret. Perfeito - *Ele foi com o tio...*

O autor situa a classe dos adverbiais como imprecisa, vista como a classe de palavras que indicam circunstâncias e modificações. São também tratadas como argumentais. Esta distinção diz respeito à função semântica dos constituintes, ao fato de integrarem ou não estarem associados aos verbos. Ilari propõe que a noção central para explicar a contribuição semântica mais típica dos advérbios é o escopo e que pode-se caracterizar este escopo como o conjunto de conteúdos afetados por algum operador. O autor observa que um advérbio pode afetar os conteúdos ou ainda que um advérbio pode afetar a construção de que participa.

Ilari procura, no decorrer de seus estudos sobre as palavras que aparecem no português falado no Brasil, fazer distinção entre “quase” todas as palavras denominadas advérbios pelas gramáticas tradicionais. Ele não entra na questão dos advérbios temporais, para ele, existem os advérbios aspectuais, os advérbios focalizadores, também chamados de inclusão e exclusão, os advérbios modalizadores, os advérbios circunstanciais de tempo e de lugar e ainda os advérbios qualitativos.

Nós nos deteremos aqui somente nos advérbios aspectualizadores que, para Ilari, podem ser considerados como uma classe à parte, tanto que ele os distingue do ponto de vista do escopo em “advérbios de sentença” e “advérbios de constituinte”. A noção de advérbio aspectualizador pode ser vista em duas extensões:

a) locuções adverbiais como *às vezes, vez por outra, algumas vezes* etc.

(193) *Algumas vezes acontece* [ o marido da informante consegue arranjar emprego para os conhecidos] *mas depende sempre muito mais do cliente do que do candidato.* [SP 360:1155] (p.180)

b) advérbios e locuções que expressam tempo como: *antigamente, no meu tempo, recentemente:*

(194) *Recentemente houve um festival que criou grande interesse pela música.* (p.156)

Ilari discorda de Maria Luiza Coroa (1989) quanto às conclusões obtidas depois de observar os dados do NURC em que Coroa afirma que “os advérbios aspectualizadores são pouco usados, que têm ocorrência rara no português falado no *Brasil*”. Ilari contesta esta afirmação, alegando que Coroa foi infeliz na amostragem da pesquisa que observou.

Ambos, no entanto, concordam que as locuções adverbiais aparecem com maior frequência do que os advérbios constituídos por uma só unidade lexical no português falado.

Depois de analisar os dados encontrados, Ilari conclui que é necessário adotar linhas de análise para que se possa observar as relações semânticas do adjunto com o resto da oração. Ou seja, o modo como é representado e, se esta representação afeta a natureza do adjunto, e também, há necessidade da observação do tempo verbal em que aparece na oração.

O autor trabalha especialmente com advérbios que formam uma só unidade lexical e, assim como Smith (1978), valoriza o contexto, nunca analisando o advérbio fora do contexto da oração em que está inserido. Também como Smith, Ilari utilizou as noções relativas de simultaneidade, anterioridade e posterioridade que podem ou não ter caráter dêitico.

Para tratar da duração interna do processo, Ilari segue autores como Vendler e Dowty para trabalhar com a estrutura temporal dos processos utiliza-se da classificação de Vendler que teve o mérito de mostrar a natureza aspectual dos verbos em inglês, em que os verbos da língua inglesa são classificados com base nos contextos sintáticos e nas inferências sofridas pelas sentenças. Todos os verbos, na classificação de Vendler, se enquadram dentro de quatro categorias: accomplishments, atividade, estados e achievements.

No português, Ilari afirma que se poderia aplicar a classificação de Vendler sem fazer nenhuma adaptação. Ilari ainda divide os adjuntos aspectuais em três grupos, ou melhor, mostra três maneiras como os adjuntos se relacionam com o aspecto.

No primeiro caso, os adjuntos que, ao localizarem processos no tempo, selecionam processos de tipo determinado, que para Vendler se enquadrariam

em accomplishment e achievement. São adjuntos do tipo: *recentemente, naquele exato instante.*

No segundo caso, têm-se os adjuntos que indicam duração, mostram uma distinção entre o tempo empregado e o tempo escoado; adjuntos que aparecem neste caso são do tipo: *em três semanas, por três semanas.* Em português não há conjugação própria para indicar duração, existem, sim, adjuntos que qualificam o processo.

No terceiro caso, há os adjuntos que indicam reiteração, do tipo: *muitas vezes.* A reiteração de uma ação caracteriza quantas vezes a ação se realiza num período.

Ilari faz uma análise de diversos adjuntos adverbiais do ponto de vista lingüístico, mas acha que há muita coisa por fazer ainda, pois os aspectos de processamento verbal são muito numerosos e às vezes é necessário se apoiar na intuição para que se possa entender alguns fenômenos da língua.

### 3.5. Costa (1990)

Costa (1990), coloca que os advérbios do tipo circunstancial temporal, como é o caso de " *de repente*" e " *logo*" expressam uma ocorrência momentânea, o que impede, em geral, a imperfectização.

(195) *O medo que eu tenho é que meus filhos de repente passem a ter alguns problemas psicológicos.*

(196) *Ela olhou o rio e de repente se atirou.*

Com estes exemplos a autora mostra que o verbo pode estar ou no presente (195- *tenho*) , ou então, no perfectivo (196 -*olhou*).

## **CAPÍTULO IV**

### **ANÁLISE DA PROPOSTA PARA A ANÁLISE DOS ADVÉRBIOS ASPECTUAIS DE CARLOTA SMITH (1978)**

Carlota Smith (1978) no texto "The syntax and interpretation of temporal expressions in English", busca interpretar o tempo gramatical segundo o esquema de Reichenbach (1947), em que o advérbio aparece como fundamental para o estabelecimento do TR e parte de três pontos reichenbachianos para determiná-lo: TF, TR e TE que indicam o *momento de fala* (que se traduz pelo exato momento que a sentença é externada), o *momento de referência* (o momento indicado pela sentença que não precisa coincidir com o momento da fala) e o *momento de evento* (refere-se ao momento que o evento ocorre), respectivamente.

Assim, o modelo de Smith (1978) apresenta uma análise de especificação temporal calcada no modelo reichenbachiano e tal como Reichenbach, Smith coloca os advérbios como fundamentais para o estabelecimento do TR. A autora analisa sentenças simples, sentenças com complementos e sentenças habituais, propondo um conjunto de regras de interpretação para as mesmas.

O tempo gramatical e os advérbios funcionam de modo diferente, dependendo da estrutura das sentenças em que aparecem. O sistema temporal é dado como relacional, ou seja, a orientação e valores da expressão temporal não são fixos, mas seus valores relacionais são consistentes, valores estes que podem indicar anterioridade, simultaneidade ou posterioridade, permitindo a aplicação de princípios de interpretação. Alguns advérbios apresentam uma

relação explícita com o momento da fala, outros com o momento posterior ao da fala e outros ainda não se relacionam com um ponto específico.

É nossa opinião que não se pode tratar tempo/aspecto sem considerar o papel dos advérbios e a relação da sentença com outras sentenças do contexto e que o domínio da especificação temporal normalmente extrapola os domínios da sentença, claro que dentro da gramática gerativa.

Na língua inglesa, a única expressão temporal obrigatória é o tempo verbal, de acordo com Reichenbach (1947), que argumenta a favor da existência de três noções temporais básicas nas diversas línguas de uma forma geral. Partindo dos estudos do autor, Smith propõe uma gramática de interpretação da *estrutura de superfície* que possa dar conta das especificações temporais de uma forma unificada. Usa para isto uma notação linear para estabelecer momentos de referência e de evento e vai montando os constituintes, ou seja, vai colocando aos poucos os elementos na oração, de acordo com os esquemas propostos que serão abordados neste capítulo. Quanto ao sistema temporal do inglês, Smith tem por objetivo demonstrar que cada sentença só pode apresentar um advérbio e que ao mesmo tempo apresenta três pontos de orientação: TF, TR e TE.

(197) Marilyn won the prize last week. (p.44)

Marilyn ganhou o prêmio semana passada.

(198) Marilyn had already won the prize last week. (p.44)

Marilyn já havia ganhado o prêmio semana passada.

No exemplo (198), o TE e TR são os mesmos e se situam antes de TF, pois no momento da fala, Marilyn já tinha ganhado o prêmio e o TE e TR são iguais porque os dois ocorreram ao mesmo tempo:

$$TE = TR \Rightarrow TF$$

No exemplo (199), TR *last week* ( na semana passada) e TE é um tempo não especificado ( não-ancorado), anterior à semana passada. TF é o momento da fala, e TR e TE são anteriores a TF. (p.105):

$$TE \leftarrow TR \Rightarrow TF$$

Percebemos que o momento da fala desempenha papel fundamental dentro do sistema e o momento de referência vai estar sempre relacionado a ele. Partindo dessas idéias de relacionamento de TF e TR temos as seguintes noções: quando o momento de fala é igual ao momento de referência temos *tempo presente*; sendo o momento de referência anterior ao momento de fala, temos tempo passado e quando tivermos o momento de referência posterior ao momento da fala teremos tempo futuro. É necessário salientar que o momento de evento só será especificado se aparecer simultaneamente com o momento de referência.

Na Concepção de Smith (1978) , TE se relaciona com TR e este se relaciona com TF e nunca há TE relacionado com TF. TE só será especificado quando coincidir com TR, caso contrário, será dada apenas a relação entre os dois pontos. Uma vez que TR se relaciona com TF, a relação  $TE \leftrightarrow TF$  não precisa ser especificada. Smith cita alguns exemplos em inglês onde todas as sentenças pertencem ao passado.

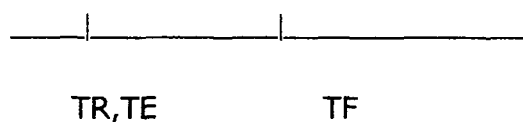
(200) *Allan swam at midnight. (p.44)*

*Allan nadou à meia-noite.*

*Allan nadava à meia-noite.*

Smith trabalha com verbos no "simple past" em inglês e como Reichenbach faz com que este tempo gramatical equivalha ao pretérito perfeito e imperfeito que pode ter aspecto perfectivo ou imperfectivo e, ao trabalhar com verbos no "Present perfect" a correspondência é com o pretérito perfeito. Para *I have been studied* teríamos o esquema TE- TR-TF ( *past perfect*) e para *I have studied*, o esquema seria TR,TE – TF ( *simple past*), ou melhor, a localização de TR e TF é anterior à TF e para o *present perfect*, o esquema seria TE – TF,TR, aqui o ponto de referência TR e o momento de fala TF coincidem, sendo TE anterior ao TF.

Para Reichenbach não há esquema que acomode o pretérito imperfeito no inglês e este autor não define o que é ponto de referência. Para as formas verbais "eu vi" e "eu via" utiliza-se do mesmo esquema:



Observa-se, no entanto que o sistema de Reichenbach, neste caso não funciona no Português, porque tanto no pretérito perfeito como no pretérito imperfeito TR e TE coincidem e são anteriores ao TF.

Se em vez de usarmos o pretérito perfeito traduzido do inglês, no exemplo (200), *nadou*, que denota uma situação completa, usarmos o mesmo verbo no pretérito imperfeito *nadava* o exemplo não se situa necessariamente no passado, pois Allan *nadava* e ainda pode estar nadando, isto é, a frase refere-se a situações que são verdadeiras nos seus subintervalos.

(201) *Joe wrecked the car before evening.*(p.44)

*Joe quebrou o carro antes de anoitecer.*

No exemplo (201), nota-se a especificação do TR e sua relação com TE, porque não há nenhum constituinte na oração que mostre o tempo em que o evento ocorre e também não se pode diferenciar o TE do TR. No exemplo (201), o momento em que Joe quebrou o carro não é especificado, sabe-se apenas que é antes do anoitecer em algum momento.

A principal característica do trabalho de Carlota Smith é a importância do contexto, o tempo é situado dentro do contexto e, para a autora, o tempo de referência é entendido como a união do tempo mais o advérbio, sendo o contexto crucial na interpretação da sentença.

Quanto aos valores relacionais das expressões temporais, os valores absolutos mudam de sentido de acordo com o contexto e suas funções diferem de acordo com a estrutura sintática em que aparecem. Smith faz uma classificação dos advérbios para esses casos (p.45-46).

Anterior ( ← )

*Ontem, atrás* - passado explícito

*Na Terça-feira, em abril* - não ancorado

Simultâneo ( = )

*Agora, neste momento* - presente explícito

Posterior ( → )

*Amanhã, próximo* - futuro explícito

*Na Terça-feira, em maio* - não- ancorado

Os advérbios são chamados ancorados quando apresentam relação explícita com o momento, ou seja, ancorados ao tempo de fala TF. Os advérbios não-ancorados são aqueles que não dizem respeito ao momento da fala e também não se relacionam com um ponto específico, estão dentro

de um contexto, podendo estes advérbios não-ancorados dar idéia de anterioridade ou posterioridade.

Vamos exemplificar:

Anterior:

(202) *O menino quebrou a perna ontem.*

O advérbio apresenta relação explícita com um momento anterior ao momento da fala e aqui o advérbio "ontem" é considerado ancorado por Smith. Em:

(203) *O avião chegou na terça-feira à noite.*

Temos um advérbio de tempo ( *na terça-feira à noite* que para Smith, é considerado um único advérbio não-ancorado porque não há como localizar essa terça-feira à noite.)

Simultâneo:

(204) *O ônibus chegou agora de São Paulo.*

(205) *O ônibus chega neste momento de São Paulo.*

O advérbio apresenta relação explícita e simultânea com o momento da fala. O advérbio *agora* não exprime momento delimitado, apresenta uma variação de abrangência que pode resultar em pontualidade como também pode representar um momento maior ou menor, não só de presente, mas também de passado ou de futuro. Vejamos os exemplos:

(206) *Isso agora eu não posso dizer.* (pontual).

(207) *Eu estou lendo agora um bom romance.* ( um momento bem maior que o ponto exato do momento de fala ).

(208) *Agora saíram todos os alunos da sala.* ( momento anterior)

(209) *Agora vamos almoçar.* (indica momento posterior dando idéia de futuro)

Posterior:

(210) *O avião sairá amanhã às seis horas da manhã.*

O advérbio é ancorado, se relaciona com um momento posterior ao da fala, indicando futuro.

(211) *O avião sairá na terça- feira antes do amanhecer.*

Em (211), o advérbio presente na oração não determina o momento da terça-feira, antes do amanhecer que o avião partirá. Lembramos que Smith considera a locução adverbial como um único advérbio.

Outras discussões sobre expressões temporais que aparecem são aquelas que se relacionam com as preposições, cujo valor lexical corresponde ao seu significado lexical *before* - antes (←) passado, *at* - em (=) presente, *after*- depois (→) futuro, os próprios tempos verbais e o emprego do verbo auxiliar *have*, cujo valor relacional tradicional é de anterioridade, indicando que TE é anterior a TR.

Na verdade, será a combinação do tempo verbal e o advérbio de tempo que estabelecerá o momento da referência. Sentenças que não tenham TR não poderão ser completamente interpretadas sem informações adicionais.

(212) *Ross was leaving in three days.*

*Ross estava (estaria) partindo em três dias.*

A sentença (212) não pode ser interpretada sem informações complementares, o verbo está no passado, porém dando idéia de futuro.

Para Smith, sentenças que só apresentam tempo verbal são semanticamente incompletas, por não estabelecerem TR.

(213) *Albert is playing tennis. ( now ou tomorrow) (p.48)*

*Albert está jogando tênis. (agora ou amanhã)*

(214) *Albert was playing tennis ( yesterday ou \* the following day).*  
(p.48)

*Albert estava jogando tênis ( ontem ou \*no dia seguinte).*

Em (213), pode-se dizer que algo está previsto para amanhã. Esta noção de futuro imediato é possível em inglês, porém em português o futuro não se dá desta forma, o tempo tanto pode ser presente ou futuro, muitas vezes o tempo é dado pelo advérbio presente na sentença.

Quando tivermos a presença dos advérbios de tempo, eles poderão ser simples ou complexos. Os simples se darão pelos lexemas adverbiais e os complexos poderão aparecer introduzidos por uma preposição ou por sintagmas preposicionais ( prepositional phrases) ou sentenças encaixadas (embedded sentences) ou então, por sintagmas preposicionais e sentenças encaixadas ao mesmo tempo. São sempre interpretados dentro do modelo proposto por Smith como unidades temporais simples, mesmo quando aparecem como estruturas sintaticamente complexas de superfície. O advérbio, em combinação com o tempo gramatical, faz surgir apenas um TR.

(215) *Bill arrived at 10 o' clock. (p.48)*

*Bill chegou às 10 horas.*

Em (216) a preposição que introduz o advérbio complexo dá a relação entre o momento de evento e momento de referência, ou melhor, de acordo com o valor relacional, supõe-se que a preposição tenha o valor relacional de anterioridade ( $\leftarrow$ ) e o advérbio introduzido pela preposição indicará que TE precede TR.

(216) Phyllis decorated the cake before midday.

*Phyllis decorou o bolo antes do meio-dia.*

Mesmo que em (216) o advérbio forme um único constituinte com sua respectiva preposição (*antes do meio-dia*), eles apresentam diferentes funções semânticas. Quando o advérbio não apresentar preposição introdutória, a relação TE ↔ TR é considerada simultânea, o TE precede TR indicado pela preposição *before*. Nesta oração o evento é anterior ao TR.

O *will*, segundo Smith não é considerado como tempo gramatical nas análises abaixo, porque, entre outras razões, esta forma pode ser utilizada em frases no presente, passado ou futuro.

(217) *The store will have your book by now. (p.49)*

*A loja terá seu livro agora.*

Em (217), o advérbio *agora* determina que o tempo gramatical é o presente em que o TR= TF = TE

Em algumas frases *will* aparece como modal combinado com o present ou com o past poderemos ter como tempo gramatical presente ou futuro dependendo do advérbio que ocorre junto ao verbo.

Nos exemplos (216) e (217), as sentenças apresentam um único TR que é especificado pelo adverbial em combinação com o tempo gramatical. Os adverbiais têm dupla função nas sentenças acima, TR especificado e as preposições presentes dão a relação entre TE e TR.

(218) *Mary will be in the Valley tomorrow. ( p.49)*

*Mary estará no Valley amanhã.*

No exemplo (218), temos uma ação que será completada antes de um certo tempo no futuro, ou então, a intenção do falante em realizar alguma coisa

no futuro e temos alguns advérbios que podem acompanhar o futuro simples como *tomorrow* ( amanhã), *soon* ( logo), etc. Conforme:

(219) *I will be back soon.*

Eu voltarei logo

Quando aparecem dois advérbios de tempo, a sentença torna-se agramatical, porém a marcação do momento de evento seria possível:

(220) *Bill wrecked the car last night three weeks ago.*

*Bill quebrou o carro noite passada três semanas atrás.*

(220) é considerada agramatical, pois as sentenças em inglês só podem apresentar, segundo Smith, um único advérbio de tempo, ou seja, podem até apresentar mais de um advérbio na superfície, mas só podem estabelecer um TR, o que indicaria a unidade da estrutura profunda.

(221) *Three weeks ago, Bill wrecked the car last night. (p.50)*

*Três semanas atrás, Bill quebrou o carro noite passada.*

TR-last night - noite passada

TE- three weeks ago- três meses atrás

Entendemos que as frases (220) e (221), quando colocadas em português, seriam consideradas agramaticais devido à dificuldade de entendimento, pela falta de mais informações.

Poderíamos pensar que o segundo adverbial especificaria TE, mas isto não acontece. É necessário notar que os advérbios complexos constituem um único advérbio dentro desta análise de Smith e que devem ser tratados como unidades, todo advérbio especificando TR.

(222) *On Tuesday Bill played squash at 2 p.m. (p.50)*

*Na terça-feira, Bill jogou squash às duas horas da tarde.*

Nas sentenças complementares ( complement sentences) pode aparecer TE, quando este é diferente do TR:

(223) *They told me yesterday that the play had closed three weeks ago.*  
(p.51)

*Eles me contaram ontem que a peça havia encerrado três semanas atrás.*

Em (223), TR é dado pela frase principal, e TR da frase complementar é estabelecido a partir do TR da frase matriz. Assim, o advérbio vai estabelecer TE.

As sentenças sintaticamente independentes podem funcionar de modo semelhante às sentenças complementares já descritas, desde que a sentença adjacente estabeleça seu TR. No entanto, estas sentenças não podem ser totalmente interpretadas senão num domínio maior que o da sentença.

(224) *John had read the article three weeks ago.* (p. 51)

John havia lido o artigo três semanas atrás. TR=TE

Em (224), o primeiro advérbio estabelece TR e o segundo estabelece TE.  
Em:

(225) *Last night, Mary had disappeared three months.*

Noite passada, Maria tinha desaparecido três meses atrás.

O advérbio *noite passada* determina que o tempo de referência foi a noite anterior à de hoje e que o advérbio *três meses atrás* nos informa que o evento ocorreu há três meses atrás.

Temos como TR - noite passada e como TE – três meses atrás

(226) *Next June, Todd will be graduating in a month.* (p.52)

*Junho próximo, Todd estará se graduando (formando) em um mês.*

As sentenças que especificam TE não são independentes, pois dependem semanticamente de outra sentença para a especificação do TR, e são, neste sentido, similares às sentenças complementos.

As sentenças no presente com *have* (presente perfect) constituem estruturas independentes que permitem que o TE seja especificado, ou, pelo menos indicado. *Have* é um elemento relacional semanticamente e indica que TE precede TR, sua função semântica é semelhante a dos advérbios relacionais, porém sintaticamente difere bastante. A frase (227) pode parecer um contra-exemplo à afirmativa de que para que TE seja especificada é preciso que TR seja especificada. Vê -se que *have* especifica TR como sendo o momento da fala TF, desfazendo o contra-exemplo:

(227) *They have eaten all the fudge while you were out. (p.53)*

*Eles haviam comido todo o doce enquanto você esteve fora.*

De acordo com Smith, as sentenças só especificam TE quando TR está especificado, e somente em circunstâncias especiais. Tem-se para isto razão sintática, ou seja, as sentenças se limitam a apresentar somente um advérbio de tempo. Por isso, TR pode ser especificado quando a sentença divide o TR com outro ou quando apresenta *have* auxiliar com sentenças no presente. O fato das sentenças com um advérbio especificarem TR demonstra que TR é essencial para sua interpretação.

Smith se refere à interpretação temporal das sentenças complementos mostrando que o fato das expressões temporais poderem apresentar valores e distribuição diferentes daqueles que apresentam em sentenças independentes complica a análise das mesmas.

(228) *The boy said that he was eager to enter the debate. (p.53)*

*O menino disse que (ele) estava ansioso para entrar no debate.*

(229) *The spokesman assured us a week ago that the candidate was leaving 3 days earlier. (p.56).*

*O porta-voz me garantiu uma semana atrás que o candidato estava partindo três dias antes.*

Nos exemplos acima, a matriz e o complemento têm o mesmo tempo gramatical, porém nem todas as sentenças são interpretadas da mesma forma. Em (228) a matriz e o complemento são considerados simultâneos e em (229), o complemento não é simultâneo com a matriz e percebe-se que a “Seqüência Temporal” não nos oferece sustentação suficiente para apurar esta diferença. A especificação temporal deve ser estendida de modo a incluir as relações entre as sentenças. É preciso para isso que se compreenda como as sentenças se relacionam temporalmente umas com as outras e se tenha princípios que postulem como tais relações podem ser percebidas. Sabe-se que os complementos do inglês dependem de outras sentenças de duas maneiras:

1º) Eles podem ter o seu TR estabelecido pela sentença matriz ou por uma outra sentença. Este princípio de interpretação é chamado por Smith por “Princípio do Partilha” ( Sharing Principle) ;

2º) Podem ser ancorados a um tempo da matriz e não ao momento da fala (TF), mantendo seu valor relacional, que constitui o “Princípio de Orientação”( Orientation Principle).

Através do Princípio da Partilha, explica-se que sentenças cuja matriz e complemento apresentem o mesmo tempo gramatical podem ser explicadas pelo Princípio do Partilha; um tempo estabelecido em S1 age como TR em S2:

(230) *They told us yesterday that Tom had arrived three days earlier.*

(p.57)

*Eles nos contaram ontem que Tom havia chegado três dias mais cedo.*

A matriz apresenta TR no passado : *yesterday* - *ontem*. A sentença complemento não apresenta TR, e depende da primeira para ser interpretada. Smith cita três pontos importantes que precisam ser considerados:

1º) O TR é fundamental para a interpretação de ambas as sentenças. As sentenças têm o mesmo tempo gramatical e o advérbio tem ambas as sentenças em seu domínio. Para se estabelecer TR é necessário que se tenha tempo gramatical e advérbio.

2º) O complemento especifica, além de TR, TE, através do advérbio *three days earlier* ( três dias mais cedo). Com esta interpretação, Smith mostra que os complementos diferem das sentenças independentes porque especificam TE. As sentenças independentes podem indicar o TE, mas não especificá-lo, se o TE for diferente do TR.

3º ) No exemplo (230), o valor relacional ( anterioridade) do advérbio em S2 que estabelece a relação entre TE e TR, o advérbio propriamente dito ( explicitamente passado) só estabelece o TE.

Nos exemplos abaixo , veremos que há variação quanto ao valor relacional do advérbio em S2, e claro , as relações entre TE e TR também variam:

(231) *Harry ate before noon. (p.58)*

*Harry comeu antes do meio-dia.*

Em (231) o advérbio *noon* especifica TR, e *before*, a preposição que o introduz, indica TE. Sabe-se que TE ←TR, mas não sua localização exata. Os

complementos diferem das sentenças independentes, pois mesmo que a língua inglesa só permita um advérbio de tempo por sentença, segundo Smith, os complementos podem dispor do advérbio da matriz para estabelecer TR, liberando seu advérbio para estabelecer TE.

(232) *I realized at midnight that San had left the part earlier.* (TE ← TR)  
(p.59)

*Eu percebi à meia-noite que San havia deixado a festa mais cedo.*

TR- à meia-noite                      TE- mais cedo

(233) *The nurse explained that the doctor was busy now.* (TE = TR) (p.59)

*A enfermeira explicou que o médico estava ocupado agora.*

Os advérbios não-ancorados são ambíguos porque apresentam dois valores relacionais (← e →):

(234) *The nurse explained that the doctor was working on Tuesday.*  
(p.59)

*A enfermeira explicou que o médico estava trabalhando na terça-feira.*

a ... *so he couldn't have committed the crime.* (TE ← TR) (p.59)

*de modo que ele não poderia (podia) ter cometido o crime*

b ... *so he couldn't come to the charity bazaar.* (TE → TR)(p.59)

*de modo que ele não poderia (podia) ir ao bazar de caridade.*

(235) *The nurse explained that the doctor had been working on Tuesday.*  
(TE ← TR) (p.59)

*A enfermeira explicou que o médico havia estado trabalhando na terça-feira.*

Em (235), o tempo estabelecido em S1, matriz, atua como TR de S2, a sentença encaixada. As duas sentenças compartilham o mesmo TR. Porém, quando não há coincidência de TR e TE na sentença matriz, a dependência dos advérbios ancorados da sentença encaixada é bem diferente:

(236) *They announced before noon that the fugitive had been caught 3 hours earlier. (p. 59)*

*Eles anunciaram antes do meio-dia que o fugitivo havia sido apanhado três horas antes.*

(237) *I told the hotel clerk several hours after midnight that I was leaving in two hours. (p.59)*

*Eu disse ao funcionário do hotel algumas horas depois da meia-noite que eu estava partindo em duas horas.*

Em (236) e (237), o complemento depende do TE da matriz e não do seu TR. Em (236), o fugitivo foi pego 3 horas antes (TE de S2) de um ponto anterior a noon - meio-dia (TE de S2) e não 3 horas antes de noon (TR de S1).

Podemos dizer então, que nos exemplos (236) e (237) o TE da matriz serve sempre como TR do complemento. Normalmente, se uma sentença encaixada apresentar o mesmo tempo gramatical da sentença acima dela (matriz/principal), o TE da sentença mais alta (matriz/principal) agirá como TR da mais baixa (encaixada).

As sentenças encaixadas que apresentam advérbio ancorado a TF, constituem um problema para a análise acima. Advérbios desse tipo que expressam passado ou futuro explícito geralmente se orientam em relação ao TF. Quando aparecer um complemento que apresente TR diferente de TF, podem ser

interpretados em relação a qualquer um dos dois pontos (tempos), tornando a interpretação ambígua:

(238) *Sally told me on Tuesday that Bill had arrived 3 weeks ago. (p.60)*

*Sally contou-me na terça-feira que Bill havia chegado três semanas atrás.*

(239) *I explained on Tuesday that Bill had left last week. (p.60)*

*Eu expliquei na terça-feira que Bill havia partido três semanas atrás.*

(240) *Bill will announce on Tuesday that he is leaving next week. (p.60)*

*Bill anunciará na terça-feira que ele estará partindo na semana que vem.*

O Princípio da Partilha também se aplica às sentenças dependentes sintaticamente que apresentam o mesmo tempo gramatical e interpreta TE1 como TR2. Se S2 não apresentar advérbios, temos sentenças simultâneas e se S2 apresentar advérbios, ele especifica TE2 que não é simultâneo com TR2. Os advérbios de S2 que são geralmente ancorados ao TF podem ser orientados em relação a TF ou TR2, apresentando ambigüidade e controvérsia na interpretação .

(241) *Eu expliquei na terça -feira que Bill partiu.*

Vê-se que o advérbio presente na primeira sentença dá TR e também TE, sendo que, como já foi dito, o advérbio especifica TE.

Temos também os casos em que a matriz e o complemento apresentam tempos gramaticais diferentes. Tem-se, segundo Smith, duas possibilidades: ou S1 apresenta tempo gramatical passado e S2 apresenta tempo gramatical presente; ou S1 tem tempo gramatical presente e S2 passado. Nestes casos, será preciso aplicar o Princípio de Orientação e também o Princípio do Partilha .

Vejamos as seguintes sentenças onde S1 tem tempo gramatical presente, S2 tem tempo gramatical passado e S2 apresenta ainda uma combinação de tempo gramatical e advérbio que estabelece TR:

(242) *The report states that the spy was denounced last month. (p.61)*

*O relatório afirma que o espião foi denunciado mês passado.*

Neste exemplo, o tempo gramatical de S1 é o presente e o tempo gramatical de S2 é passado e a relação que surge entre tempo gramatical e advérbio vai determinar TR2.

(243) *That investigator will insist next month that he talked to the suspect 3 weeks earlier. (p.61)*

*O investigador insistirá na semana que vem que ele conversou com os suspeitos três semanas atrás.*

Em (243) a interpretação temporal do complemento equivale à interpretação do mesmo como sentença independente. Em (243), o complemento não recebe sua interpretação normal, TR passado  $\leftarrow$  TF TR  $\rightarrow$ . Esta interpretação é dada pelo Princípio de Orientação. Em (241), o fato de que TR1=TF possibilita uma interpretação normal e em (242) em que temos TR1 $\rightarrow$ TF, o valor relacional do advérbio se mantém, mas TR2 não precisa ser anterior a TF.

(244) *O menino dirá amanhã que ele viu os bandidos semana passada.*

Temos aqui que TR1  $\rightarrow$ TF, o valor relacional do advérbio se mantém, porém TR2 não precisa ser anterior ao tempo de fala.

(245) *O presidente vê que o povo se desiludiu com a política nesta década.*

Vê-se que o tempo gramatical, neste exemplo, é presente em S1, em S2 o tempo gramatical é passado mas a relação entre tempo gramatical e advérbio continua estabelecendo TR2.

A sentença matriz não estabelece o TR do complemento. Vejamos sentenças que apresentam tempos gramaticais diferentes e onde S1 não estabelece TR para S2:

(246) *Willian will insist next week that Mary was returning to London in three weeks. (p.62)*

*Willian insistirá na semana que vem que Mary estava voltando de Londres em três semanas.*

(247) *Bill says that Mary was leaving in three days. (p.62)*

*Bill dirá na próxima semana que Mary havia partido três dias atrás.*

Nestas sentenças não se pode aplicar o Princípio do Partilha, porque S1 estabelece TR2 para S2. Por isso, essas sentenças não podem ser interpretadas temporalmente em sua totalidade sem informações adicionais. Em (247), sabe-se que Mary estava partindo três dias após um determinado tempo, mas não há especificação. No entanto, é necessário aplicar o Princípio da Orientação, segundo o qual, e contrariamente ao princípio anterior, a S2 estabelece seu próprio TR. Os complementos são orientados em relação ao TE da sentença matriz. Em (248) temos  $TE1 \neq TR$

(248) *Sam will announce before midnight that Sue left three hours earlier. (p.62)*

*Sam anunciará antes da meia-noite que Sue partiu três horas antes.*

No exemplo acima, a interpretação só pode ser aquela segundo a qual, Sue partiu 3 horas antes de qualquer ponto antes da meia-noite. De acordo com o Princípio de Partilha,  $TE_1 = TR_2$  e de acordo com o Princípio de Orientação,  $TE_1$  é o ponto de orientação do  $TR_2$ . Nos dois princípios,  $TE$  de  $S_1$  é o tempo mais relevante.

O Princípio do Partilha e o Princípio de Orientação se aplicam a sentenças de diferentes tipos. O primeiro se aplica a sentenças que apresentam o mesmo tempo gramatical e o complemento não apresenta um  $TR$ , resultante da combinação de tempo gramatical e advérbio. O segundo se aplica aos complementos que apresentam tempo gramatical e advérbio combinado com  $TR$ , onde uma sentença terá seu momento de referência ou de evento ancorado ou orientado por uma sentença matriz e os complementos estabelecem  $TR$  independente. O princípio da partilha se traduz pelo compartilhamento do tempo/momento estabelecido pela oração principal. Vejamos os exemplos:

(249) *Beto disse ontem que Antonio estava doente.* (Princípio da Partilha)

$TR$  é passado- ontem                       $TE=TR$

(250) *Eu ouvi noite passada que Antonio está doente.* (Princípio de Orientação).

Quando aplicamos os dois princípios à mesma sentença, é necessário dar preferência ao Princípio do Partilha e só após aplicar o Princípio de Orientação. Nas sentenças (249) e (250), os dois princípios apresentam o mesmo resultado, ou seja,  $S_1$  e  $S_2$  têm o mesmo tempo gramatical e o Princípio da Orientação pode ser aplicado também porque  $S_2$  estabelece  $TR$ . Vejamos:

(251) *Bill will say tomorrow that the committee rules on the problem in three days.* (p.63)

*Bill dirá amanhã que o comitê regulamenta o problema em três dias.*

Aqui, nem o Princípio da Partilha, nem o Princípio da Orientação podem ser aplicados, pois a sentença prevê uma simultaneidade das ações  $TE=TR\rightarrow TF$ . A relação em (251) é com o momento da fala e não com o momento de referência. Indica que o mesmo evento ocorria no tempo verbal expresso pela matriz e no momento de fala, e não significa repetição de estado. De certa forma, há a necessidade pragmática de "acreditar" no falante e, além disso, não se pode aplicar o princípio da partilha, pois, matriz e complementos têm tempos verbais distintos.

(252) *Sharon admitted that she had already arrived on Tuesday. (p.63)*

*Sharon admitiu que ela já havia chegado na terça-feira.*

Já, no exemplo (253), o resultado é diferente:

(253) *Bill said yesterday that Tom was sick. (p.64)*

*Bill disse ontem que Tom estava doente.*

Vemos em (253), que matriz e complemento são simultâneos. Este seria o resultado se aplicássemos o Princípio de Partilha e, se aplicarmos o Princípio de Orientação, obteremos  $S2\leftarrow S1$ . Por isso, em sentenças desse tipo só pode ser aplicado o Princípio do Partilha.

Nas sentenças onde  $S1$  tem tempo gramatical presente e  $S2$  tem tempo gramatical passado, não estabelece TR:

(254) *The prosecuting attorney claims that the nurse was tired now. (p.64)*

*O promotor público alega que a enfermeira estava cansada agora.*

(255) *The public will learn next week that Smith had already with-drawn his offer of open negotiations. (p.64)*

*O público saberá na próxima semana que Smith já havia retirado seu oferecimento da negociações abertas.*

(254) e (255) necessitam de um ponto de referência e, por isso, não podem ser interpretados totalmente, e nenhum dos dois princípios pode ser aplicado a eles. *Now* e *have* não têm ponto de referência e ambos os complementos precisam de TR, sendo necessário recorrer a outras sentenças do contexto para suprir os TRs dos complementos. Por isso, o escopo do Princípio da Partilha precisa ser entendido de modo a buscar o TR em outras sentenças sintaticamente independentes. A relação do complemento com estas sentenças é semelhante à sua relação com a matriz, exceto pela dependência sintática. O Princípio da Partilha procuraria uma sentença com o mesmo tempo gramatical, para suprir o TR do complemento, caso a matriz apresente um tempo gramatical diferente.

Muitas sentenças são independentes sintaticamente, porém semanticamente dependentes.

(256) *Ross was leaving in three day. (p.66)*

*Ross estava partindo em três dias.*

A sentença não pode ser interpretada sem informações complementares. A sentença não apresenta TR, mas a combinação do tempo verbal e o advérbio de tempo estabelece o momento da referência.

(257) *Ross had left on Tuesday. ( p.66)*

*Ross tinha partido na terça-feira.*

(258) *Ross was annoyed now. (p.66)*

*Ross estava aborrecido agora.*

Vejamos agora sentenças onde a matriz apresenta tempo gramatical passado e o complemento apresenta tempo gramatical presente.

(259) *The Egyptians knew that the Earth is round. (p.66)*

*Os egípcios sabiam que a Terra é redonda.*

(260) *Sam told me that Mary is leaving next week. (p.66)*

*Sam me contou que Mary está partindo na próxima semana.*

Não podemos aplicar o Princípio do Partilha porque a matriz e o complemento não apresentam o mesmo tempo gramatical. O valor relacional de S2, TR presente, é simultaneidade e, segundo este princípio S1 e S2 deveriam ser simultâneos. Porém, isto não é correto: os três complementos das sentenças acima se referem ao TF e não à matriz. Na verdade, o evento ou estado expresso no complemento é verdadeiro no tempo designado pela matriz e em TF.

Parece que verbos factivos e de dizer quando presentes na matriz, permitem complementos com orientação no falante. Porém, nem todos os verbos permitem complementos com orientação no falante, e algumas sentenças ficam no mínimo, estranhas como veremos a seguir nos exemplos (262) e (263).

Entende-se por verbos factivos aqueles que tomam uma oração subordinada, sendo que o falante pressupõe uma verdade da proposição expressa na oração. São exemplos de verbos factivos os verbos *saber*, *concordar*, *perceber*, etc, conforme:

(261) Ele sabe que o aluno está na sala de aula.

Observa-se que o falante pressupõe que o sujeito da sentença diz a verdade sobre a permanência do aluno na sala de aula.

As sentenças abaixo não podem ser interpretadas pelo Princípio de Orientação, a menos que se revise o valor do TR Presente, o que resolveria o problema em (258) e (259). Ao invés de ter valor de simultaneidade, TR presente assumiria um valor relacional entre passado e futuro: anterior ao TR Futuro e posterior ao TR passado; aqui, os complementos, orientados ao TR da matriz, indicariam um tempo posterior ao passado, ou seja, o presente. Vejamos:

(262) *Mary feared that Bill is sick. (p.67)*

*Mary temia que Bill esteja doente.*

(263) *The family thought that the money is safe. (p.67)*

*A família pensava que o dinheiro está seguro.*

Entretanto, existem casos problemáticos. Como em (263):

(264) *Gwendolyn will say tomorrow that the Abbess of Crews is dangerous. (p.67)*

*Gwendolyn dirá amanhã que a "Abbess of Crews" é perigosa.*

Em (264), a matriz e o complemento devem ser simultâneos. De acordo com o Princípio de Orientação, o TR presente não indica simultaneidade, mas sim um tempo entre o passado e o futuro, anterior a um TR futuro e posterior a um TR passado.

Em alguns casos, os complementos são tidos como simultâneos com as respectivas matrizes, em outros não. Nota-se que se aplicarmos primeiro o "Princípio de Partilha" para depois, se necessário, aplicarmos o "Princípio de Orientação", exemplos como (260) e (264) poderiam ser resolvidos.

Nas sentenças habituais, há a indicação de um evento ou estado que se repete com certa frequência, num certo intervalo. As formas adverbiais podem,

neste tipo de sentença, funcionar de maneira diferente do modo como funcionam nas sentenças não-habituais que escolhem o momento ou intervalo particular para TE ainda que ele possa ser especificado só relationalmente. Os adverbiais podem ser tratados de modo semelhante, no modelo de Reichenbach, que não aborda a análise dos habituais. As sentenças habituais são interessantes para o estudo da sintaxe e da semântica porque os advérbios podem funcionar de modo bem diferente nas sentenças habituais e não-habituais.

(265) *They went to the movies 3 times a week. (p.69)*

*Eles foram ao cinema três vezes na semana.*

(266) *Bill swam 3 times a week in March. (p.69)*

*Bill nadava três vezes por semana em março.*

Os dois exemplos acima, são considerados como habituais típicos, ou seja, tanto um quanto o outro exemplo referem-se a um fato ou estado em particular, indicam a recorrência de um fato ou estado, porém não especificam um momento ou intervalo particular e este fato é crucial para que as habituais especifiquem o tempo.

O advérbio de freqüência, geral ou específico, marca a sentença habitual, o número de vezes por unidade que um evento ou estado re-ocorre, assim como o momento de recorrência. A unidade ( day, week, etc) deve ter um determinante indefinido. Quando o determinante é definido, como no (267), o resultado é agramatical e se o determinante for dêitico o resultado é gramatical, porém não é habitual como vemos na sentença (268). Ou seja, temos o número de repetições ao invés da taxa da recorrência e não contém um advérbio de freqüência.

( 267)\* *They went to the movies 3 times the week. (p.70)*

\* *Eles foram ao cinema três vezes a semana.*

(268) *They went to the movies 3 times that week. (p.70)*

*Eles foram ao cinema três vezes naquela semana.*

As sentenças habituais dificilmente apresentam especificação temporal completa e indicam o intervalo durante o qual a re-ocorrência aconteceu, assim como sua frequência :

(269) *They went to the movies every afternoon at 3 o' clock last year. (p.70)*

*Eles foram ao cinema todas as tardes às 3 horas no ano passado.*

Nos exemplos (268) e (269) , não há/haveria diferença semântica se colocássemos os verbos que estão no pretérito perfeito, no pretérito imperfeito, visto que em todas as sentenças aparecem advérbios de tempo que dão e relação entre TE e TR.

(270) *They went to the movies 3 times. (p.70)*

*Eles foram ao cinema três vezes.*

No exemplo acima, o intervalo não está especificado e a frequência está omitida como no exemplo abaixo em que falta um advérbio:

(271) *Fido chased caTF. (p.70)*

*Fido perseguia gatos.*

*Fido perseguiu gatos.*

Smith considera essas sentenças como não-habituais porque não apresentam um determinante dêitico.

Os habituais especificam TR, o intervalo durante o qual o evento ou estado recorrente aparece, porém os habituais não indicam TE particular, indicando apenas a recorrência. A especificação de frequência funciona como TE. Já, os

advérbios de tempo podem funcionar como parte da especificação da freqüência, assim como especificar TR ou um TE particular.

Semanticamente, deve-se assinalar que os habituais não indicam um momento ou intervalo particular; sintaticamente, é característico dos habituais apresentar um advérbio de freqüência.

No exemplo:

(272) *John got up at noon. (p.71)*

*John levantava ao meio-dia.*

Temos uma sentença não-habitual, o advérbio especifica TR que é simultâneo a TE. Em:

(273) *John got up at noon every day last summer. (p.71)*

*John levantava ao meio-dia todos os dias no verão passado.*

Temos uma habitual, porque o mesmo advérbio (ao meio-dia), faz parte do advérbio de freqüência e não especifica TR e é introduzido por uma preposição, e, que nos esquemas que Smith apresenta vai aparecer como [P past], indicando que um verbo no passado está precedido de preposição.

De acordo com Smith, sentenças não-habituais que selecionam um momento ou intervalo particular são chamadas de especificadoras, estas sentenças especificam TE somente sob certas circunstâncias e a autora insiste que um adverbial de freqüência assinala a habitualidade da sentença.

Entre sentenças especificadoras que possuem os mesmos advérbios com diferentes funções, pode-se esperar encontrar sentenças ambíguas, onde o adverbial poderia ser parte do TE ou do TR.

Em:

(274) *Janet swam in the mountain lake from June to September. (P.71)*

*Janet nadava no lago da montanha de junho a setembro.*

Percebe-se que esta sentença poderia ser entendida como especificadora, a frequência e o tempo de recorrência não estão especificados e, nesta interpretação, o advérbio de tempo especifica TR.

Se tivermos uma versão mais completa da sentença (274):

*(275) Janet swam in the mountain lake from June to September every year during her childhood. (p.71)*

*Janet nadava no lago da montanha de junho a setembro todos os anos durante sua infância.*

Quando uma sentença tiver advérbios de tempo e uma especificação de frequência e um dos advérbios se movimentar para a frente, a sentença pode ficar estruturalmente ambígua. O advérbio deslocado poderia indicar o TR ou ser parte da especificação de frequência. As sentenças serão raramente ambíguas se observarmos que os advérbios presentes estão associados com especificação temporal e não tendem para a especificação de intervalos.

Smith propõe que o tempo gramatical e advérbio podem ser tratados como categoria única na sentença, ou seja, um adverbial sustentador que indique presente, passado ou futuro forneceria a forma do tempo na superfície. Isso contribuiria mais ainda para aceitar a idéia de que o tempo não dá informações suficientes para estabelecer TR.

A autora mostra ainda como as regras de interpretação são construídas e aplicadas, indica preposições que introduzem o adverbial e que são consideradas sintaticamente como uma única unidade junto com o advérbio. Smith afirma também que existem quatro tipos de adverbiais: "Unanch, Past, Present e Future"

(276) *On Tuesday, Tom had arrived at noon. (P.84)*

*Na terça, Tom chegou ao meio-dia.*

Vê-se em (276) a presença das preposições, sendo uma inicial e outra final. Ainda que suas interpretações sejam diferentes, nota-se a presença de um adverbial complexo ( na terça) que contribuiria para a especificação de um passado TR e percebe-se também que os dois adverbiais presentes na sentença poderiam ser amalgamados como abaixo:

(277) *Tom chegou ao meio-dia, na terça.*

Segundo a autora, princípios são simples e podem ser aplicados através da referência. Smith salienta que é preciso conhecer os valores relacionais de tempo, se a frase tem advérbios de frequência, se a frase é sintaticamente dependente ou não e a partir daí , as sentenças podem ser interpretadas.

Para mostrar como Smith organiza seus esquemas , utilizaremos um exemplo da autora:

(278) *Mary was amused now. (P.82)*

*Mary estava divertida/ distraída agora.*

Como esquema sintático para esta sentença, Smith sugere:

*S[ past Temp [P Present] ] (P.82)*

Para poder interpretar melhor esta sentença seria apropriado uma configuração maior para poder estabilizar TR e que também é sugerida por Smith.

*S[ past Temp [ Unanch ] ] s [ past Temp[ Present] ] ] (P.82)* e a representação semântica para este esquema seria:

*S [ TR←TF : Unanch TE = TR ] s [ TR = TR1 TE =TR ] ] (p.83)*

Smith coloca uma listagem de regras interpretativas e para cada uma delas, a autora tem a forma de um par que consiste num modelo sintático de estrutura de superfície em sua configuração e uma interpretação semântica, estas regras possuem um domínio maior que a sentença e permitem interpretações de configurações ditas incompletas.

Para Smith, os adverbiais especificam TR e a posição real do adverbial na estrutura de superfície é irrelevante para esta interpretação, embora seja importante para determinação de outras propriedades associadas à ênfase ou à pressuposição.

A autora explica que suas preocupações são somente em estabelecer interpretações semânticas, únicas e completas. Ela não se preocupa, por exemplo, com a representação semântica em que aparece mais de um tempo de referência que ocorre numa sentença independente.

Smith percebe que as regras que propõe estão longe de serem completas e que um número muito grande de problemas não se encaixam em suas regras porque precisariam de um conjunto mais completo de regras interpretativas. Quanto às configurações para interpretar sentenças incompletas, por exemplo, Smith acha que estas precisariam ser mais esquemáticas, pois elas indicam sentenças adjacentes com elementos temporais apropriados e que seria necessário uma abordagem bem mais completa e que também seria necessário estudar as condições semânticas para as sentenças.

Smith conclui sua análise enfatizando a interação dos adverbiais e outros elementos na especificação temporal. A autora afirma que a combinação do adverbial e do tempo gramatical que vai estabelecer TR e que os adverbiais especificam TE quando as condições sintáticas permitem aos advérbios

contribuir para a especificação de uma situação. Afirma também que as sentenças dependentes de outras para interpretação semântica não precisam ser sintaticamente dependentes.

Os esquemas que serão trabalhados no capítulo seguinte, como já frisamos, terão somente verbos no presente ou no passado, com advérbios ancorados ou não.

Antes de começarmos a análise, gostaríamos de ressaltar que Smith utiliza o mesmo símbolo (P) para indicar coisas diferentes. Ela não esclarece o uso de símbolos ou letras. Vejamos: Smith utiliza ← e P para indicar que o Tempo de Evento precede o Tempo de Referência. Ainda utiliza o mesmo P para indicar verbo preposicionado ou advérbio preposicionado. Na página 85, aparece o mesmo ( P ) para indicar simultaneidade, pois ela não usa em seus esquemas o símbolo (=) que é convencionalmente utilizado para isto.

Partindo dos esquemas utilizados por Smith para o inglês, faremos no próximo capítulo, os mesmos testes modificados aos dados do português e aplicaremos o modelo teórico proposto pela autora, utilizando os dados do VARSUL, para que se possa desenvolver um estudo sobre a semântica dos advérbios que contribuem para a interpretação temporal e aspectual da sentença.

**CAPÍTULO V**  
**APLICAÇÃO DA PROPOSTA DA ANÁLISE DE SMITH AOS**  
**DADOS DO VARSUL**

( Variação Lingüística Urbana Da Região Sul Do Brasil)

5.1 SENTENÇAS COM UM ADVERBIAL DE TEMPO

Os esquemas que serão trabalhados a seguir , como já frisamos, terão somente verbos no presente ou no passado, com advérbios ancorados ou não e, aplicaremos os esquemas de acordo com as colocações de Smith. Isto é, quando aparecer present perfect e no esquema estiver ( *pres have*) trabalharemos somente com o presente, e se no esquema estiver ( *past have*) trabalharemos com passado perfeito ou imperfeito.

Na coluna da esquerda, Smith, mostra a representação sintática da sentença e na coluna da direita mostra a representação semântica.

1- s [ **pres** ] s [ **Incomplete** ]

(279) Jerry is repairing the spinnaker. (p.92)

Jerry está consertando o tear.

Usa-se o progressivo presente para mostrar que a ação ou estado estão sendo desenvolvidos no momento que se fala. Esta forma comunica uma ação que começou no passado e que continua a ocorrer no presente. Na representação semântica, Smith coloca a sentença como incompleta pelo fato de ser necessário um advérbio ancorado ou não, para situá-la no tempo. Nas sentenças no present perfect nunca aparece o tempo exato da ação.

VARFUL-

(280) *O menino está vestindo roupa nova.*

Temos em (280), a idéia de que a ação está acontecendo no momento da fala, percebemos que a ação começou no passado e continua a ocorrer no presente e, de acordo com Smith, semanticamente incompleta, pois necessita de um advérbio para situá-la exatamente no tempo. O tempo de fala que também é o tempo de referência é simultâneo ao tempo de evento.

2- s [ **pres have** ] s [ **TR =TF TE ← TR** ]

(281) Jerry has repaired he spinnaker. (p.92)

(282) Jerry tem consertado o tear.

(283) Jerry consertava o tear.

Em (281), aparece o present perfect, que denota uma ação que começou no passado e que continua no presente, em inglês, sem definição do momento de referência e que esta ação pode ou não estar ainda ocorrendo no presente. Smith analisa esta sentença semanticamente completa. Em português, tem-se a possibilidade de traduzir uma sentença como a (281) em três pretéritos: o perfeito, o imperfeito e o mais que perfeito. Em inglês isto não ocorre, há somente um modelo para o passado. Usamos o perfeito e o imperfeito para traduzir o exemplo de Smith. Em (282), observamos a completude da ação, aspecto perfectivo. Em (283), observa-se que o evento ainda está em pleno desenvolvimento, aspecto imperfectivo. A diferença fundamental entre (282) e (283) é aspectual. Semanticamente TR é simultâneo a TF e TE é anterior a TR, porque o fato ocorreu num momento anterior ao momento da referência.

VARSQL-

(284) *Eu tenho ouvido isso todos os dias.*

(285) *Eu ouvi isto todos os dias.*

(286) *Eu ouvia isto todos os dias.*

A ação na sentença (284) também começou a ocorrer no passado e se estende até o presente indicada pela presença do advérbio aspectualizador *todos os dias* como define Ilari (1995), que indica frequência. O advérbio "*todos os dias*" reforça mais ainda a idéia de continuidade, demonstrando que a ação não acabou ainda. A ação está em pleno desenvolvimento, no exemplo (284) em que temos progressivo. No exemplo (284), tem-se o verbo *ouvi* na forma passada, apresentando uma situação completa. Na sentença (285), o verbo apresenta-se no pretérito imperfeito *ouvia*, a sentença refere-se a situações incompletas. A ação está em desenvolvimento, embora no passado na sentença (284), em que temos progressivo como na sentença (286), que o verbo aparece no imperfeito e neste caso não se enquadra nos esquemas de Smith, pois mostra a situação como acabada.

3- s [pres Temp [ P Pres] ]      s [ TR = TF : Pres TE P TR ]

(287) *Jerry is repairing the spinnaker now (p.92).*

*Jerry está concertando o tear agora.*

Em inglês, o advérbio de tempo pode aparecer tanto no início quanto no final da sentença, após o verbo auxiliar ou antes do verbo principal. Em português, o advérbio também pode aparecer nestas posições. Temos em (287), o present continuous presente progressivo no Português, que é usado para indicar ações ou fatos que estão ocorrendo no momento que se fala, dá idéia de duração.

VAR-SUL-

(288) *Os jovens estão cantando na capela agora.*

A ação está acontecendo neste momento, o momento de referência está coincidindo com o momento da fala ( TR=TF). O advérbio *agora* apresenta uma abrangência que pode resultar em pontualidade, muitas vezes entendido por *hoje, neste momento* e também pode representar um *momento maior ou menor, anterior ou posterior, agora* se refere a momentos ou períodos.

4- s [past      Temp [ P Past ] ]                      s [ TR← TF : Past TE P TR]

(289) *Hart won the election last year.*

*Hart ganhou a eleição no ano passado.*

Temos em (289) o verbo no passado e um advérbio de tempo não-ancorado, o advérbio é preposicionado ( em + o). Esta sentença se refere a eventos ou acontecimentos com início, meio e fim definidos. É bom observar que neste caso (289), não poderíamos usar o imperfeito porque o advérbio *no ano passado* nos dá a localização exata no tempo, determina uma ação concluída.

VARFUL-

(290) *Eu mudei para outro colégio logo depois do assalto.*

Neste exemplo, temos verbo no passado, o tempo de referência é anterior ao momento da fala e o tempo de evento precede o tempo de referência. O advérbio de tempo é não - ancorado, pois se relaciona com um tempo específico. A combinação entre o tempo verbal e o advérbio de tempo é que vai estabelecer o momento de referência. Encontramos nos exemplos do VARFUL, exemplos que não precisam de complementos verbais. ( O povo desistiu.) A oração tem sentido completo.

5- s pres have Temp [ P Pres] ] s [TR =TF TE ← TR ]

(291) *Hart has repaired the spinnaker now.*

*Hart tem consertado o tear agora.*

Em inglês, usa-se o present perfect para comunicar que ações ou acontecimentos que ocorreram num passado recente e que não mostram definição quanto ao momento da ocorrência. A ação pode ou não estar ocorrendo no presente e o uso do advérbio *now* não define o tempo de ocorrência.

VARFUL-

(292) *O pessoal tem dirigido muito mal hoje.*

(293) *O pessoal dirigiu muito mal hoje.*

Usamos o tempo composto em (292), que pode dar idéia de ação iniciada no passado vindo até o presente, nota-se que o advérbio *hoje* não é empregado no sentido do intervalo de 24 horas e sim, num sentido mais geral, indicando um período mais longo, TR é indicado por *hoje*. Não temos a definição quanto ao momento de ocorrência.

Dentro dos exemplos do VARFUL, encontramos: *Hoje vou ao centro da cidade*. Nota-se, que o advérbio *hoje* neste caso define um período de 24 horas, e que junto ao tempo gramatical dá idéia de futuro assim, podemos ver que alguns esquemas de Smith não se encaixam no português.

6- s [pres have Temp [P Unanch] ] s [TR =TF TE ←TR ]

(294) *They have eaten all the cookies while you were out.*

*Eles têm comido os biscoitos enquanto você estava/ esteve fora.*

O auxiliar *have* juntamente com um advérbio não-ancorado, especifica TE é anterior a TR, uma vez que *have* indica anterioridade. Em inglês, a sentença construída no present perfect é bem formada, no entanto, se formos traduzi-la para o português na forma literal, utilizando o verbo composto como em (294), ela ficará estranha.

Para usar a mesma sentença em português, utilizamos o passado simples, temos uma situação acabada:

(295) *Eles sempre estragaram o jardim enquanto ele esteve/estava fora.*

Se usarmos o imperfeito, temos uma situação inacabada:

(296) *Eles sempre estragavam o jardim, enquanto ele esteve/estava fora.*

Observa-se que tanto em (295) como em (296), a fórmula dos esquemas de Smith não se altera.

VAR-SUL-

(297) *Alguns tinham feito o ensaio das músicas enquanto outros namoravam.*

Temos nesta sentença TR simultâneo ao TF e TE é anterior ao TR. Observa-se que as atividades coincidem simultaneamente, podemos até afirmar que são atividades sincronizadas.

7- s [ past ] s [ Incomplete]

(298) *Greta Garbo starred in the film "ANNA KARENINA".*

*Greta Garbo estrelou no filme "Anna Karenina".*

A (298) é uma sentença com tempo gramatical passado. É incompleta semanticamente porque não está especificado o tempo em que a ação ocorreu, sabe-se, apenas que foi no passado. Temos nesta sentença o tempo situado

dentro do contexto que é muito importante para a interpretação da sentença. Falta um determinante dêitico, ou melhor, não há nenhum advérbio de tempo para especificar o intervalo de tempo e por isso, Smith considera a sentença incompleta.

**VAR-SUL-**

*(299) O acidente ocorreu na estrada de Piraquara.*

A sentença (299) pode ser considerada incompleta semanticamente por não ter especificado o tempo em que a ação ocorreu, pela falta de determinado dêitico, mas a interpretação da sentença não fica prejudicada por isso. Percebe-se que o fato ou acontecimento ocorreram no passado, não se sabe se em tempo remoto ou recente, temos o momento de referência indicado pelo verbo no passado e anterior ao momento da fala e o momento de evento não se consegue perceber e como Smith considera uma sentença como esta incompleta por falta do advérbio, podemos dizer que num exemplo como (299), o advérbio não faria qualquer diferença. Vejamos:

*(300) O acidente ocorreu ontem na estrada de Piraquara.*

**8-s [ past have ] s [ Incomplete]**

*(301) Burt Lancaster had starred in the film "The Killers".*

*Burt Lancaster estrelou o filme "The Killers".*

O fato já ocorreu, não se sabe quando. O aspecto é perfectivo, semanticamente incompleta de acordo com os esquemas de Smith, devido a falta de um advérbio que especifique o tempo em que ocorreu a ação. O uso deste tempo verbal past perfect enfatiza a continuidade da ação.

VARFUL-

(301) *Ele nunca trabalhou muitos anos com caminhão.*

A ação se mostra acabada tanto pela presença do verbo no passado perfeito, a ação começou e terminou num intervalo de tempo, porém o adverbial *nunca* determina ação acabada e não depende do momento de fala, pois poderíamos ter:

(302) Ele nunca trabalha com caminhão.

(303) Ele nunca trabalhará com caminhão.

9-s [ **past**    **Temp** [ **P Past**]    ]    **s** [ **TR← TF : Past TE P TR** ]

(304) *Judy Garland starred in the film "A star is Born" years ago.*

*Judy Garland estrelou no filme "A star is Born" anos atrás.*

A sentença refere-se ao passado. O exemplo especifica TR e sua relação com TE, mas especifica TE, quando este difere de TR. A sentença tem como tempo gramatical o passado.

VARFUL-

(305) *Ele trabalhou nos últimos anos com caminhão.*

O fato ocorreu num tempo passado. A ação iniciou e terminou num intervalo de tempo indicado pelo advérbio *muitos anos* que é não-ancorado. O advérbio de freqüência como *nos últimos anos* e o tempo gramatical contribuem para a localização temporal da situação, sendo que o advérbio indica a

reocorrência da ação e também indica TR, mas não especifica TE. Pode-se dizer que esta é uma sentença habitual.

10- s [past Temp [P Unanch ] ] a . s [TR←TF : Unanch TE P TR  
b. s [ Incomplete]

(306) *Della sent the proofs to the printer on Wednesday.*

*Della mandou as provas para a impressora na quarta.*

A ação ocorreu no passado, a ação se mostra acabada e confirmada pela presença do advérbio não - ancorado *on Wednesday*. Temos nesta sentença TR anterior ao momento de fala e o tempo de evento é simultâneo ao TR.

VAR-SUL-

(307) *Os jovens esperaram pelas mudanças das regras da escola até a semana passada.*

A sentença tem TR passado, o tempo gramatical e o advérbio indicam passado. O advérbio *até a semana passada* mesmo considerado por Smith com não - ancorado, ele delimita o tempo. A ação tem início, meio e fim. TR é anterior a TF e TE é simultâneo a TR. O advérbio funciona como modificador da sentença.

11 -s [ past Temp [ P Pres ] ] s [ Incomplete]

(308) *Della was optimistic now.*

(309) *Della estava otimista agora.*

(310)\* *Della esteve otimista agora.*

A ação, em (309) , está ainda em desenvolvimento, semanticamente incompleta, o advérbio *now* não determina tempo definido, representa um período maior de tempo. Se usarmos "estava", a oração é considerada bem

formada. Se usarmos o perfeito, a oração é considerada agramatical, visto que a ação foi concluída e o adverbial *agora* não pode ser utilizado no passado perfeito.

A escolha do presente progressivo ou presente simples pode ser motivada por objetivos temporais, ou seja, a relação cronológica entre o momento da fala, momento da referência e o momento do evento.

VAR-SUL-

(311) *O pai estava trabalhando na farmácia.*

A ação indicada por *estava trabalhando* mostra a ação em desenvolvimento e com início e fim não definidos. De acordo com Smith, a sentença é semanticamente incompleta porque não apresenta elementos que a situem no tempo.

Percebe-se que o progressivo faz referência a uma fase intermediária do processo.

**12-s [ past have      Temp [ P Pres ]      ]      s [ Incomplete]**

(312) *Della has sent to proofs now.*

*Della havia mandado as provas agora.*

O advérbio *now* apresenta, em inglês, uma relação explícita e simultânea com o momento da fala. Em português, *agora*, pode representar pontualidade, como também pode representar momentos maiores ou menores que o instante presente.

VAR-SUL-

(313) *Nós, brasileiros, temos visto muitas coisas erradas em todos os setores.*

Temos, nesta sentença, ações que eram percebidas no passado e continuam até no presente, numa ação contínua. A sentença não tem um

advérbio que lhe determine o tempo, portanto, é considerada semanticamente incompleta por Smith. Porém, pode-se perceber que há noção temporal, mesmo que intuitiva.

**13-s [ past have Temp [P Past] ] a. s [ TR ← TF: P Past TE ← TR ]  
b. s [ Incomplete]**

(314) *Della had sent the proofs to the printer a week ago.*

*Della havia mandado as provas para a impressora na semana passada.*

A sentença demonstra que a ação está acabada, devido ao advérbio não – ancorado *na semana passada*, temos o tempo de referência anterior ao momento de fala, o tempo de evento é anterior ao tempo de referência.

VARFUL-

(315) *O padre tinha escrito aquelas poesias ainda no seminário, há mais ou menos vinte anos.*

A sentença mostra uma ação concluída, confirmada pelo uso do verbo no passado. O tempo gramatical das duas sentenças é passado. O tempo de referência e o tempo de evento são anteriores ao momento da fala.

**14-s [ past have Temp [ P Unanch]]<sup>a</sup> s [ TR ← TF: P Unanch TE←TR]  
b. s [ Incomplete ]**

(316) *Della has sent the proofs on Wednesday*

*Della tinha mandado as provas na Quarta.*

O TR e o TE são anteriores ao TF pois a ação já ocorreu , a sentença apresenta um advérbio não- ancorado.

VARFUL-

(317) *O menino tinha ficado preso no poço várias horas.*

(318) *O menino ficou preso no poço várias horas.*

O TR é anterior a TF a "vários dias" é advérbio não-ancorado, porque não delimita a situação. Temos TR posterior a TE que é anterior a TF.

A partir deste esquema Smith não dá nenhum exemplo de sentenças, somente inclui os esquemas abaixo em esquemas dados anteriormente (p.93).

15-(includes 1).

**s1 [pres Temp [pres] ] s2 [pres]  
s1 [TR=TF TE=TR]s2[TR=TE1 TE=TR]]**

Neste exemplo, necessitaríamos de um período com duas orações, porém Smith não cita exemplos neste sentido.

VARFUL-

(319) *O prefeito disse que sempre faz o que pode pelo bairro.*

Em (319) temos sentenças com tempo gramatical presente, em que TR, TF e TE são simultâneos. Podemos considerar as sentenças acima como dependentes, sintaticamente, pois apresentam o mesmo tempo gramatical, o advérbio sempre é visto com advérbio de freqüência e não como advérbio de tempo.

16- (includes 9).

**[s1 [past Temp [P { Past } ] ] s2 [ past] ]  
{ Unanch}  
[s1 [TR←TF TE P TR] S2 [TR=TE1 TE=TR]]**

VARFUL-

(320) *O ladrão que assaltou o bar do Seu Pedro ano passado, morreu esta semana na prisão.*

O tempo gramatical passado nas duas sentenças nos mostra que elas são sintaticamente dependentes, pelo simples fato de que se tirarmos a oração principal a segunda oração ficará sem sentido. e os advérbios não - ancorados tanto na primeira oração, quanto na segunda oração. A presença dos advérbios não - ancorados tanto na primeira , como na segunda sentença serve para situar no tempo as sentenças. O TR é anterior ao TF e TE precede TR.

17- (includes 10).

**[s1[ Past TR ] s2 [ past have] ] [s1[TR ←TF] s2 [TR=TE1 TE←TR] ]**

VARFUL-

(321) *O vereador avisou que o prefeito tinha viajado ao estrangeiro naquela semana.*

Vemos que em (321), TR é anterior a TF devido ao tempo gramatical passado em que se encontra o verbo *avisar* na primeira sentença. Temos ainda TR simultâneo a TE.

18- (includes 12 b).

**[s1 [ Past TR] s2 [ past Temp [ P Unanch] ]**  
**[s1[TR ←TF] s2 [TR=TE1 TE←TR TE;P Unanch] ]**

VARFUL-

(322) *Todos estavam na festa na Sexta , quando começou a briga.*

A sentença tem TR passado com advérbio não - ancorado. Temos TR simultâneo ao TE. Segundo o Princípio da Partilha, o tempo estabelecido em

S1,ou seja, na matriz, age como TR de S2, as duas sentenças possuem o mesmo TR.

Ao aplicar a proposta de Smith da análise aos dados do VARSUL, nos preocupamos em encontrar no Português, somente exemplos que se enquadrassem aos esquemas da autora, pois constatamos diversos exemplos que fugiam completamente do proposto e entendemos que seria melhor deixá-los para um próximo estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A categoria dos advérbios é definida em nossas gramáticas escolares com base em dois critérios: o do conteúdo que expressa e o das categorias gramaticais a que se refere.

Smith afirma que o tempo gramatical mais advérbio de tempo e de frequência vão designar aspecto, além de propor que tempo gramatical e advérbio formam uma categoria única na sentença o que contribuiria para o estabelecimento de TR. Os advérbios especificam TR e não importa se são ou não complexos. O tempo gramatical somado ao advérbio informa o tempo da sentença.

Ao observar os dados do VARSUL, notou-se que o uso dos advérbios, bem com sua posição no português falado é bastante regular. A relação temporal é, normalmente dada pelas relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade. Notamos que os adverbiais, apesar de possuírem certa mobilidade dentro da sentença, não possuem nenhuma regra especial de sintaxe das línguas naturais. Pudemos observar que esta mobilidade se verifica mais em termos de preferência individual de uso de certos advérbios em determinadas posições do que na observância de qualquer formalidade de uso.

Notamos que certos advérbios não combinam com certos tempos verbais. Alguns advérbios só se encaixam com tempo gramatical presente, assim como tem advérbios que só se encaixam com tempo gramatical passado. Com é o caso do advérbio *agora*, que pode indicar hoje, neste momento ou então, um intervalo bem maior. O uso do *agora* indica que a ação vai se realizar logo depois do momento da fala

Entendemos que *ontem*, *hoje* e *amanhã* são relativos ao momento da fala, o advérbio *hoje* pode ser usado com o verbo tanto no presente como no pretérito. Quando usado com o presente, observamos que a ação ainda vai se realizar, porém anterior ao momento da fala e, quando usado com o pretérito, indica que a ação já se realizou.

Os advérbios *sempre* e *nunca* independem semanticamente do momento da fala. Quanto à *cedo* e *tarde*, achamos que diferem semanticamente dos outros advérbio, porque seu sentido é relativo tanto a outros indicadores de tempo, quanto a valores culturais, percebemos que os conceitos para *cedo* e *tarde* dependem muitas vezes de valores subjetivos e, ainda se comportam de forma diferente de *hoje*, *ontem*, *amanhã*, *sempre* e *nunca* talvez porque os primeiros podem ser intensificados.

Vimos também que os adverbiais não alteram o aspecto, eles mudam a situação, às vezes, introduzindo ou especificando o tempo de referência, às vezes, introduzindo uma nova situação ou ainda mudando as classes aspectuais.

Smith coloca que o contexto é muito importante na interpretação temporal da sentença; e enfatiza a interação do advérbio com outros elementos da sentença na especificação temporal. Assim como Smith, observamos no Português que também através de um contexto mais amplo podemos ter uma compreensão melhor do aspecto incluído nos tempos verbais próprios para cada situação.

Quanto aos esquemas, vimos que ao aplicá-los aos dados do VARSUL, eles sofrem alterações, pois no inglês alguns advérbios se comportam se forma completamente diferente no português, porém as regras de interpretação semânticas extrapolam o domínio da sentença.

A autora reconhece que seus esquemas e regras de interpretação estão longe de serem completas e que há muita coisa para ser feita, pois ao elaborar a análise da expressão temporal em inglês, muitos detalhes foram deixados de lado e que seria necessário um conjunto completo de regras interpretativas.

Procuramos no decorrer deste trabalho desenvolver um estudo sobre os advérbios aspectuais, porém, sabemos que existem muitos pontos obscuros quando se fala em advérbios, tanto nas gramáticas tradicionais normativas, como na lingüística contemporânea. Percebemos também que deixamos alguns problemas de lado, mas observamos que alguns advérbios sempre nos remetem ao momento de fala e quando não o fazem, tomam algum outro acontecimento como ponto de referência.

Esperamos ter contribuído com este estudo para uma maior compreensão do que sejam estas categorias *advérbio* e *aspecto* tão importantes e que tantas confusões nos causam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de (1987). Gramática metódica da língua portuguesa. 20ª ed. São Paulo, Edição Saraiva.
- BARBOSA, Jerônimo Soares (1981). Gramática filosófica da língua portuguesa. 5ª ed. Lisboa. Tipografia da Academia Real das Ciências.
- BECHARA, Evanildo (1989). Moderna gramática portuguesa. 33ª ed. São Paulo. Ed. Nacional.
- BENNETT, M.(1981). On tense and aspect. One analysis. IN: Syntax and Semantics, 14. New York, Academic Press, 13-30 .
- BONFIM, Eneida (1988). Advérbios. São Paulo. Ática. Col. Princípios. n.129.
- BULL, W(1963). Time, tense and the verb. University of California. Publications in Linguistics, nº 19.
- CASTILHO, Ataliba T. de(1968). Introdução ao aspecto verbal na língua portuguesa. Marília. Tese de Doutorado. USP.
- CHOMSKI, N (1965). Aspect of the Theory of Syntax. Cambridge.
- COMRIE, Bernard (1976). Tense. London. Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_ (1976). Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge.
- COROA, Maria Luiza (1985). O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica. Brasília. Thesaurus.
- COSTA, S.B.B (1990). O aspecto em Português. São Paulo. Contexto.
- CUNHA, Celso (1972). Gramática do português contemporâneo. 8ª ed. Belo Horizonte. Ed Bernardo Álvares .
- \_\_\_\_\_ (1985). Gramática da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, MEC/FENAME.
- DECLERCK, R. (1979). On the possessive and the imperfective paradox. Linguistics and Philosophy. P.59-78.
- DEMO, Pedro. (1997). Pesquisa e construção do conhecimento. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro.

- DOWTY, David R (1982). Tenses, time adverbs and compositional semantic theory. Linguistics and Philosophy. P.23-35.
- DRY, H (1981). Sentence aspect and the movement of narrative line. Text 1(3), 233-240.
- DUCROT, O (1989). Princípios de semântica lingüística. São Paulo.Cultrix.
- FUCHS, Anna (1987) . Aspecto verbal e dêixis. Universidade de Brasília.
- IKEDA, Sumiko (1992). O pretérito imperfeito. ( A importância da superestrutura na sua compreensão). D.E.L.T.A. v.8 - p.43-79.
- GODOI, Elena (1992). O progressivo: além do aspecto. Comunicação no IX Congresso da ALFAL, UNICAMP, 06-10 de agosto.
- \_\_\_\_\_ (1992). Aspectos do aspecto. Tese de Doutorado. Campinas. UNICAMP.
- HENY, F (1982). Tense, Aspect and Time adverbials. Parte II Linguistics and Philosophy 5, p 152-187.
- ILARI, Rodolfo (org). Sobre os advérbios aspectuais. In Gramática do Português Falado. Vol. II 153-212. (1985).
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre a posição dos advérbios. In Gramática do Português Falado. Volume I. 63-139.
- \_\_\_\_\_. As formas progressivas do Português. Cadernos de Estudos Lingüísticos, nº 5, 27-60.
- \_\_\_\_\_. Alguns recursos gramaticais para a expressão do tempo em Português. In Borba (org.), Estudos de filologia e lingüística,. São Paulo, EDUSP, 181-193. 1989.
- JACKENDOFF, Ray S. Adverbs in semantic interpretation in generative grammar. p. 47-107. Cambridge: The Mit Press. 1972.
- LAKATOS, E.M. & MARCONI,M.A. (1982). Metodologia Científica. Atlas. São Paulo.
- LONGO, Beatriz N. A auxiliaridade e a expressão de tempo em português. Tese de Doutorado. UNESP, 1990.
- LYONS, John. Introdução à Lingüística teórica. Cia. Editora Nacional/EDUSP. 1979.

- MACAMBIRA, José Rebouças. A estrutura morfo-sintática do português. Fortaleza. Imprensa Universitária. 1970.
- MACIEL, Maximino. Gramática descritiva. Rio de Janeiro, Francisco Alves. 12ª ed. 1931.
- MATEUS, Mira H. et al. Gramática da língua portuguesa. 4º ed. Lisboa. Caminho Editora. 1994.
- MATOSO CAMARA JÚNIOR, Joaquim MATOSO( 1967). Princípios de lingüística geral. 4 º ed. Rio de Janeiro. Acadêmica.
- \_\_\_\_\_ (1971). Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis, Editora Vozes.
- \_\_\_\_\_ (1974). Dicionário de filologia e gramática. Rio de Janeiro, J. Ozon.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. Gramática expositiva. 6ª ed. São Paulo. Ed. Nacional. 1945.
- PERINI, Mario . A. Gramática descritiva do português. 3º ed. São Paulo. Editora Ática. 1995.
- \_\_\_\_\_. Para uma nova gramática do português. São Paulo, Ática. Série Princípios. 1986.
- PONTES, Eunice Souza Lima. Espaço e tempo na língua portuguesa. Campinas, SP : Pontes. 1992.
- POTTIER, Bernard. Problemas relativos a los adverbios en -mente. IN:- Lingüística moderna y filologia hispânica. Madrid, Gredos.
- REINCHENBACH,H. ElementF of Simbolic Logic. New York. The Macmillan Company.1948 (1947).
- RICHARDS, Barry & HENY, Frank. Tense, aspect and time adverbials. Linguistics and Philosophy. P.40-65. 1982.
- ROMAN, Elódia C. Um aspecto do aspecto nas orações relativas. Tese de doutorado. UNESP. Araraquara,1998.
- SMITH, Carlota S. The syntax and interpretation of temporal expressions in English. Linguistics and Phisosophy II.2:43- 99,1978.
- \_\_\_\_\_. The parameter of aspect. New York. Academic Press. 1995.

SUASSUNA, Livia. Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática. Campinas: Papyrus, 1985.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O aspecto verbal no português. Universidade Federal de Uberlândia. MG. 1985.

\_\_\_\_\_. Um estudo textual- discursivo do verbo no Português do Brasil. Tese de Doutorado UNICAMP. Campinas. 1991.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. Normas para apresentação de trabalhos. 5 ed. Curitiba. Editora UFPR, 1995.

VENDLER, Zeno. Linguistics in philosophy. Cornell University Press. Ithaca, New York. 1967.

VERKUIL, H. J. On the compositional nature of the aspects. Doc. diss. Dordrecht, 1989.